

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Fabiana Martins

**DE ESPAÇO MARGINAL A TRAJETÓRIAS PLURAIS: NARRATIVAS E
IMAGENS NA CONSTRUÇÃO DO BAIRRO DA TAPERA - FLORIANÓPOLIS**

Florianópolis/SC

2019

Fabiana Martins

**DE ESPAÇO MARGINAL A TRAJETÓRIAS PLURAIS: NARRATIVAS E
IMAGENS NA CONSTRUÇÃO DO BAIRRO DA TAPERÁ - FLORIANÓPOLIS**

Monografia submetida ao Curso de
Graduação em Geografia da
Universidade Federal de Santa
Catarina para a obtenção do Grau
de Bacharel em Geografia.
Orientadora: Profa. Dra. Maria
Helena Lenzi

Florianópolis/SC

2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Martins, Fabiana

De espaço marginal a trajetórias plurais : Narrativas e
imagens na construção do bairro da Tapera - Florianópolis /
Fabiana Martins ; orientador, Maria Helena Lenzi, 2019.
69 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em Geografia,
Florianópolis, 2019.

Inclui referências.

1. Geografia. 2. Tapera. 3. Espaço. 4. Narrativas. 5.
História oral. I. Lenzi, Maria Helena. II. Universidade
Federal de Santa Catarina. Graduação em Geografia. III.
Título.

Fabiana Martins

**De espaço marginal a trajetórias plurais: narrativas e imagens na
construção do Bairro da Tapera - Florianópolis**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de “Bacharel em Geografia” pela Universidade Federal de Santa Catarina e aprovado em sua forma final pelo Curso de Graduação em Geografia.

Florianópolis, 19 de Dezembro de 2019.



Prof.ª Dr.ª Maria Helena Lenzi

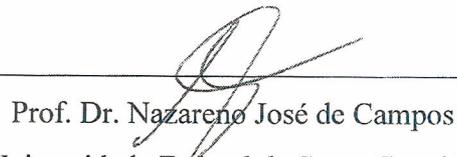
Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:



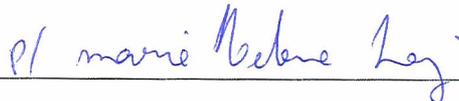
Prof.ª Dr.ª Maria Helena Lenzi (orientadora)

Universidade Federal de Santa Catarina



Prof. Dr. Nazareno José de Campos

Universidade Federal de Santa Catarina



Prof.ª Dr.ª Ana Paula Nunes Chaves

Universidade do Estado de Santa Catarina



Arquiteto Fabiano Bernardes



Este trabalho é dedicado à minha família, aos meus colegas de classe e aos moradores da Tapera.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a minha orientadora, Maria Helena Lenzi, pela paciência, ensinamento e por acreditar não só nesse trabalho, mas em mim, desde o início.

Agradeço ao meu filho Davi, que nasceu para mudar o rumo da minha vida, me permitindo seguir outros caminhos, chegando até à Universidade e por ter me presenteado com Lis, neta linda, que amo incondicionalmente.

Agradeço minha família, minha mãe Dilza e meu pai Nelson. Aos meus irmãos, Cristiane, André e Marcio (in memoriam) por fazerem da minha história de vida e aos meus sobrinhos/as, lindos/as, que amo.

A toda família Silva por ter me acolhido como membro da família, em especial à Dona Hilda pelo amor e Iris Leticia pelas travessuras e por ter me ajudado nesse trabalho.

Agradeço ao Tiago, companheiro de vida e viagens geográficas, que esteve ao meu lado durante todo o percurso dessa jornada.

Aos professores/as do curso de Geografia da UFSC que fizeram parte da minha vida acadêmica. Agradeço também a Professora Ana Paula Chaves da UDESC pelo incentivo e apoio.

Aos meus colegas de curso por tudo que passamos juntos, dentro e fora de sala de aula. Em especial Fernanda D'avila, Aline Michelmann, Tais Barreto e Eliezer Conceição pelas festas e reuniões com muitas risadas e conversas.

Agradeço de coração as minhas amigas de longas datas Sandra, Silvana, Vanessa e Sabine pelo apoio, carinho, amizade e por fazerem parte da minha vida.

A minha grande amiga Daine Santanna, pelo apoio nas horas mais difíceis e por ter me ajudado também a escrever esse trabalho.

Agradeço ao Fabiano Bernardes que trilhou comigo caminhos para compor esse trabalho, sua companhia e conversa me fizeram tomar folego para continuar.

Agradeço imensamente aqueles que abriram as portas de suas casas e locais de trabalho, enriquecendo ainda mais esse trabalho: Dona Ana, Dona Leta, Douglas (May), Rodrigo, Roberta, Sr. Gabi, Sr. Arnol e esposa, Dona Val, Dona Vilma (com V) e Dona Isabel.

“[...] perdida na maré de intensa praticabilidade e entre os seixos de fatos demonstráveis está a mágica real da geografia – o sentido de maravilhar-se com um mundo humano, a alegria de ver e refletir sobre o mosaico ricamente variado da vida humana e de compreender a elegância de suas expressões na paisagem humana. [...] A geografia, afinal de contas, está em toda parte” (COSGROVE, 2004, p. 96)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo principal compreender como o bairro da Tapera foi construído como um espaço marginal e como se fundamentam as narrativas sobre o mesmo, tanto provenientes da divulgação dos meios de comunicação quanto dos próprios habitantes. Os procedimentos metodológicos utilizados foram revisão bibliográfica; pesquisa nos arquivos históricos e bibliotecas da cidade; entrevistas com 11 pessoas, entre moradores e não moradores, trabalhadas por meio da história oral; notícias publicadas por jornais da cidade e divulgação turística. Como compreendemos que o espaço é produto da multiplicidade de trajetórias e está sempre aberto, ao final, apresentamos outras narrativas sobre o bairro.

Palavras-chave: Tapera; Espaço; Narrativas; História Oral

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Praia da Tapera.....	18
Figura 2 - Localização do Bairro da Tapera	23
Figura 3 - Foto aérea do Bairro da Tapera – 1938	24
Figura 4 - Foto aérea do Bairro da Tapera – 1977.....	25
Figura 5 - Foto aérea do Bairro da Tapera - 1994	27
Figura 6 - Mapa da Ilha de Santa Catarina - 1786.....	29
Figura 7 - Doação de terreno em Caiacanga Mirim - Jornal de 1937	30
Figura 8 - Desapropriação de terreno em Caiacanga Mirim - Jornal de 1924.....	31
Figura 9 - Prefeitura de Aeronáutica – Base Aérea de Florianópolis	32
Figura 10 - Criação de escola em Caiacanga Mirim - Jornal de 1922.....	33
Figura 11 - Local onde se situa a "bica"	34
Figura 12 - "Escada do couro"	35
Figura 13 - Rio da Eira - Praia da Tapera - 1933	36
Figura 14 - Praia da Tapera - rancho de pescadores s/d	36
Figura 15 - Casa centenária localizada próxima à praia da Tapera, atual hamburgueria Pão Mané.....	39
Figura 16 - Casa centenária - ano 1976	39
Figura 17 - Fachada da antiga fábrica de vassouras	40
Figura 18 - Fachada da fábrica de vassouras ao fundo - década de 1980.....	41
Figura 19 - Mapa dos bairros de Florianópolis.....	47
Figura 20 - Praias existentes em Florianópolis.....	47
Figura 21 - Sol bucólico no Ribeirão da Ilha.....	48
Figura 22 – Pôr do sol na Praia da Tapera.....	49
Figura 23 - Mapa de Florianópolis	50
Figura 24 – Remanescente do sítio arqueológico da Tapera	51
Figura 25 - Tapera do Sul	52
Figura 26 - Guia Floripa - Praia da Tapera.....	53
Figura 27 – Mapa de como chegar às praias do sul da Ilha.....	54
Figura 28 - Moradores da Tapera no momento da escavação do sítio	57
Figura 29 - Escavação do sítio arqueológico da Tapera	57
Figura 30 - Rua das Areias - Barreira - Tapera	59
Figura 31 - Rua José Correia (Juca) – 2000	60

Figura 32 – Rua José Correia (Juca) – 2019.....	60
Figura 33 - Projeto da "Escola do Futuro" na Tapera.....	61
Figura 34 - Praia da Tapera (Garcia).....	62
Figura 35 - Praia da Tapera - Ilha das Laranjeiras	62
Figura 36 - Praia da Tapera - Ilha das laranjeiras.....	63
Figura 37 -Praia da Tapera - Ilha da Dona Francisca.....	63

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Notícias do Bairro da Tapera

44

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	RECONHECIMENTO DO BAIRRO DA TAPERA E SUA DINÂMICA	22
3	CONSTELAÇÃO PARTICULAR DAS RELAÇÕES SOCIAIS: DE CAIACANGA MIRIM À TAPERA.	28
4	A TAPERA DE HOJE: ENTRE A MARGINALIDADE NOS JORNAIS E A AUSÊNCIA NA REPRESENTAÇÃO TURÍSTICA DA CIDADE	43
4.1	POBREZA, MARGINALIDADE E VIOLÊNCIA NAS NOTÍCIAS SOBRE A TAPERA	43
4.2	A AUSÊNCIA DA TAPERA NAS REPRESENTAÇÕES DA CIDADE TURÍSTICA	46
5	OUTRAS NARRATIVAS SOBRE A TAPERA	55
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
	REFERÊNCIAS	66

1 INTRODUÇÃO

Existe um balneário na Ilha de Santa Catarina que, a despeito de toda a publicidade turística que divulga suas belezas, não figura entre seus cartões postais. Este balneário chama-se Tapera, vizinho do famoso Ribeirão da Ilha, é narrado como um lugar de pobreza, violência e marginalidade, conforme demonstraremos nesta pesquisa.

Este trabalho tem como objetivo principal compreender como se fundamentam as narrativas sobre a Tapera, tanto provenientes da divulgação dos meios de comunicação quanto dos próprios habitantes. As narrativas são heterogêneas e apresentam distintos olhares para o mesmo lugar.

Exploraremos a ausência da Tapera em boa parte do material de divulgação turística do município. Ausência que ao mesmo tempo está alicerçada e reafirma determinadas narrativas, sobretudo a da mídia. Para além da reprodução do que já existe, proporemos também outras possibilidades de olhar e narrar o bairro, considerando também o olhar da própria autora, que lá reside.

As narrativas analisadas nesta pesquisa compõem-se de textos e fotografias, que passam a compor o imaginário dos habitantes do município e contribuem para a reprodução de uma perspectiva negativa sobre a Tapera.

Diante disto foi possível pensar um trabalho que problematiza o motivo pelo qual palavras e imagens sobre o bairro instituem uma verdade, tornando a Tapera um lugar segregado, à parte da cidade na qual se localiza.

Florianópolis é um município com grande apelo turístico. Suas imagens de divulgação objetivam representar a beleza de algumas praias e de alguns bairros históricos, omitindo outros. A imagem da Tapera fica ausente de sua publicidade turística, ocupando papel de coadjuvante na quantificação das praias existentes na Ilha.

Essa falta de visibilidade da Tapera também se expressa pela baixíssima quantidade de pesquisas acadêmicas que têm o bairro como objeto de estudo. Os trabalhos publicados que citam a Tapera, encontrados tanto na biblioteca da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) quanto na da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), ressaltam questões de cunho ambiental ou sócio econômico.

Dessas pesquisas podemos destacar o trabalho de conclusão do curso de Ciências Sociais, intitulado “O mal estar que sinto: medicalização do sofrimento em camadas populares”, de autoria de João Matheus Acosta Dallmann, tratando sobre análise dos

sentidos atribuídos à medicalização do sofrimento psíquico em beneficiárias/os do Programa Bolsa Família do Bairro da Tapera (DALLMANN, 2013).

Destacamos também o trabalho de conclusão do curso de Serviço Social, intitulado “A Maternidade na Adolescência: um Estudo com Famílias de Camadas Populares”, de autoria de Andréa Pereira, que tem como objetivo estudar o que a maternidade na adolescência representa para a adolescente e sua família no bairro da Tapera (PEREIRA, 2000).

Outro trabalho encontrado foi o de conclusão do curso de Administração, intitulado “Projeto de viabilidade técnica e econômica de implantação de uma entidade sem fins lucrativos: CEIT - Centro de Ensino de Informática da Tapera”, de autoria de Claudio Roberto Januário e Sebastião Rafael Barreto de Moraes, tratando da necessidade da implantação do Centro de Ensino de Informática na Tapera, visto a necessidade de ensino e aprendizagem de informática para as crianças das classes populares (JANUÁRIO; MORAES, 2002).

Já no trabalho do curso de Pós-Graduação em Geografia da UFSC, intitulado “As condições hídricas e sócio-ambientais e os reflexos na saúde da população do Ribeirão da Ilha– Florianópolis/SC”, de autoria de Márcia de Vicente Cesa, são abordadas questões relacionadas ao ambiente, à saúde e às políticas de saneamento ambiental nas bacias dos rios Alto Ribeirão e Ribeirão do Porto, na Tapera da Base e Alto Ribeirão, Distrito do Ribeirão da Ilha (CESA, 2012).

A dissertação de mestrado intitulada “Paisagem e Lugar como Referências Culturais - Ribeirão Da Ilha - Florianópolis”, de autoria de Soraya Nór, defendida no ano de 2010, no Programa de Pós-graduação em Geografia da UFSC, discorre sobre a paisagem cultural do Ribeirão da Ilha e mostra como o discurso dos moradores deste bairro trata a Tapera como um bairro à parte do distrito do Ribeirão, por não ter influência açoriana. Alguns moradores entrevistados para essa dissertação veem a Tapera como um bairro construído a partir das múltiplas culturas vindas de outros lugares, reforçando que não há vestígios culturais nos moradores.

Por fim, da UDESC, tivemos êxito em encontrar um trabalho de conclusão de curso em Geografia do ano de 2003 tratando de assuntos sociais e mais específicos do bairro, intitulado “Tapera Da Base: Crescimento Urbano e Movimentos Sociais - 1982 - 2003”, de autoria de Luiz Paulo Klock Filho. Esse trabalho foi utilizado como referência para caracterizar o bairro, sendo o único que avançou em assuntos pertinentes à presente pesquisa.

Tendo em vista a insuficiência de informações sobre o bairro da Tapera e de sua constituição espacial, a negatividade da sua imagem perante os meios de comunicação e mídia da cidade, bem como sua imagem ausente das representações turísticas, abriu-se a oportunidade de fazer essa pesquisa, com o intuito de proporcionar um novo olhar sobre o bairro.

A proposta deste trabalho é analisar as narrativas, entre textos e imagens, que instituem o bairro Tapera como lugar periférico e marginal, ausente das representações da cidade. Essas produções são historicamente construídas e fazem parte do imaginário coletivo da cidade. Os enunciados divulgados pela mídia não são mentirosos, mas será que existe somente essa perspectiva de olhar o bairro? Qual o sentimento dos moradores da Tapera com relação à difusão dessa imagem negativa? Eles possuem o mesmo olhar daqueles que conhecem o bairro a partir do que é publicado pelos jornais?

Para responder a esses questionamentos buscamos conceitos relativos ao espaço geográfico e às análises dos discursos, dialogando com autores que tratam da criação e identidade do lugar, bem como o estudo da invenção que se dá a partir de processos discursivos, imaginários, históricos e imagéticos.

Conforme Massey (2008), o espaço é produto das relações sociais, construído por meio de histórias nas quais os grupos manifestam suas experiências e vivências, tornando assim um espaço dinâmico e não estático. O espaço, assim, é o produto da multiplicidade de identidades que se relacionam e que trazem cada uma a sua história, recriando o lugar com toda a sua especificidade e que está em processo dinâmico de mudanças, de novas histórias e histórias.

Para esta autora, o espaço é constituído por interações que vão desde o global ao local. Está em constante construção, visto que ele é o produto das relações embutidas nas práticas sociais em processo de fazer-se. O espaço só se constitui a partir da existência de identidades/entidades e suas relações, tornando-o um sistema aberto com a possibilidade de conexões que ainda podem ser realizadas, sendo assim, com novas possibilidades de interações em seu futuro.

Para compreender a invenção do bairro nos aproximamos de Albuquerque Jr. (2011), que argumenta que imagens, discursos e vozes se tornam uma estratégia de construção de estereótipos que caracterizam grosseira e indiscriminadamente um grupo, apagando as identidades individuais, em nome de suas semelhanças superficiais.

Este autor, ao tratar da invenção do nordeste, explica que a repetição de determinados enunciados reforça estereótipos definindo o caráter do lugar e do seu povo.

Para ele, os discursos não são tomados como documentos verdadeiros sobre a região, mas a base para sua construção.

Devemos tomar as relações espaciais como relações políticas e os discursos sobre o espaço como discurso da política dos espaços, resgatando para a política e a história, o que nos aparece como natural, como nossas fronteiras espaciais, nossas regiões. O espaço não preexiste a uma sociedade que o encarna. É através das práticas que estes recortes permanecem ou mudam de identidade, que dão lugar à diferença; é nelas que as totalidades se fracionam, que as partes não se mostram desde sempre comprometidas com o todo, sendo este todo uma invenção a partir destes fragmentos, no qual o heterogêneo e o descontínuo aparecem como homogêneo e contínuo, em que o espaço é um quadro definido por algumas pinceladas (ALBUQUERQUE JR., 2011, p. 35).

Na linha de pensamento de Albuquerque Jr. (2011), pretendemos argumentar que as imagens da Tapera, embora não sejam mentirosas, acabam generalizando e reduzindo o bairro a um espaço de delinquência, violência e pobreza, como se não houvesse outra representação possível.

Para melhor compreender como se deu a “invenção da Tapera” como bairro marginal, tivemos como base o trabalho de Lenzi (2016), que trata especificamente sobre a invenção da cidade de Florianópolis como cidade turística. Segundo a autora:

[...] os enunciados e as imagens da Florianópolis turística dos últimos 50 anos mostram-se como construções político-discursivas de uma verdade e como tentativas de forjar uma única forma de ver e de dizer a cidade. Evidentemente, isso não se dá com uma ou duas imagens ou enunciados, mas na repetição destes, na frequência com que são evocados, divulgados e tornados legítimos, instituindo uma realidade, uma verdade a respeito da cidade [...] (LENZI, 2016, p. 56-57).

Kossoy (2007) conceituou a imagem fotográfica como resultado do processo criativo do fotógrafo que registra o que é efêmero, mas que permanece na memória através da fotografia/imagem ou ainda na imagem mental que é criada a partir de narrativas. Segundo o autor:

Através da fotografia aprendemos, recordamos, e sempre criamos novas realidades. Imagens técnicas e imagens mentais interagem entre si e fluem ininterruptamente num fascinante processo de criação/construção de realidades – e de ficções. São essas as viagens da mente: nossos “filmes” individuais [...] (KOSSOY, 2007, p. 147).

Neste sentido, propomos, através deste trabalho, novas possibilidades de olhar a Tapera e romper com a construção de identidades generalizadas e homogêneas das narrativas espaciais. Para isso, a fotografia foi utilizada como recurso para demonstrar que a Tapera, mesmo diante das problemáticas atuais, é uma porção da “Ilha da Magia”.

Figura 1 – Praia da Tapera



Fonte: A autora, 2019.

No campo pessoal, o principal motivo que me levou a estudar esse assunto foi minha própria experiência como moradora do bairro há 18 anos e frequentadora da praia da Tapera desde a infância. Quando adolescente, lembro que sentia repulsa pelo bairro. No entanto, com a construção de minha própria residência na Tapera, próxima dos familiares, passei de simples visitante de fim de semana para moradora integral. A partir desse momento, a Tapera tornou-se parte do meu cotidiano, ganhando outro significado que não mais daquele bairro de outrora.

Foi com o intuito de valorizar o bairro e contribuir na desconstrução da sua imagem marginalizada, suja e pobre que este trabalho surgiu.

OBJETIVOS

Objetivo Geral

Compreender como o bairro da Tapera foi construído como um espaço marginal e como se fundamentam as narrativas sobre o mesmo, tanto provenientes da divulgação dos meios de comunicação quanto dos próprios habitantes.

Objetivos Específicos

1. Compreender como se deu a construção do bairro da Tapera segundo seus moradores e fontes oficiais.
2. Investigar como se deu a “invenção negativa da Tapera” por meio da mídia e representações turísticas.
3. Apresentar outras narrativas sobre a Tapera.

METODOLOGIA

No que diz respeito aos procedimentos metodológicos da pesquisa, realizamos revisão bibliográfica dos trabalhos já produzidos acerca da Tapera e trabalhos acadêmicos sobre a construção das imagens de Florianópolis; bem como de debates sobre as narrativas de invenção dos lugares e sobre as imagens.

Para compreender como se dá a construção e percepção do bairro a partir de quem o vive, realizamos entrevistas com moradores visando entender como a Tapera foi se desenvolvendo, com base na vivência de cada um. A elaboração de entrevistas foi parte fundamental deste trabalho, visto a riqueza nos relatos de seus moradores. Entrevistamos onze pessoas de diferentes faixas etárias, alguns deles moradores do bairro desde o nascimento, outros moradores do Ribeirão da Ilha e região, e outros ainda provenientes de distintos lugares. Entrevistamos também o assistente administrativo do Centro de Referência e Assistência Social da Tapera – CRAS e a antiga analista de museologia do Museu do Homem do Sambaqui – MHS localizado nas dependências do Colégio Catarinense em Florianópolis. As pessoas entrevistadas autorizam o uso de suas falas, nomes originais e imagens que compõem este trabalho.

Utilizamos o recurso da história oral para compreender como o bairro se constitui; como era sua paisagem e como essa paisagem se modificou ao longo do tempo; o que existia de importante no lugar que atualmente não existe mais; e qual sua importância para os moradores. Essas entrevistas aconteceram de forma livre, com pequeno roteiro inicial, para que as pessoas entrevistadas ficassem à vontade para falar da sua vivência no bairro.

No que diz respeito à busca por fontes oficiais, não foram encontradas informações nas principais instituições de arquivo da cidade que pudessem fortalecer essa investigação. Tanto na Casa da Memória, que é um centro de documentação da vida social

e cultural de Florianópolis, quanto na Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina, que dispõe de um setor de documentação de Santa Catarina, não há material sobre a Tapera. Houve um esforço enorme da parte dos funcionários para encontrar qualquer informação, sem êxito. Apenas em arquivos em meio digital, algumas fotos da década de 1930 foram encontradas. Essas imagens foram cedidas pela Base Aérea de Florianópolis à Casa da Memória.

Comparamos também três fotos aéreas para analisarmos as transformações urbanas em períodos distintos do bairro da Tapera. Essas imagens foram acessadas no portal de Geoprocessamento Corporativo da Prefeitura Municipal de Florianópolis.

Para a análise e entendimento das imagens de divulgação da Tapera nos meios de comunicação, buscamos jornais locais, revistas de circulação geral, blogs e sites sobre a cidade e redes sociais, entre outros meios, visando analisar quais são as principais narrativas, entre textos e imagens, que supostamente representam a Tapera.

Após leitura atenta dos jornais – digitais e online, principalmente - sistematizamos as matérias que abordam a Tapera, visando compreender quais são os principais temas, abordagens, problemas e partes do bairro que são divulgados. Com isso, foi possível a construção de um quadro interpretativo sobre as narrativas acerca da Tapera no que diz respeito aos meios de comunicação.

Para compreender por que a imagem da Tapera está ausente de determinadas representações da cidade, consultamos guias online de publicidade turística de Florianópolis. Para tanto, fizemos comparativos das publicações da praia da Tapera com outras praias do sul da ilha de Santa Catarina.

Por fim, para propor outras possibilidades de olhar o bairro, exploramos fotografias de autoria própria, e os relatos dos moradores. Para cumprir este objetivo, selecionamos imagens do nosso arquivo pessoal com intuito de recriar tanto o olhar sobre a paisagem como outros discursos sobre o espaço. Neste objetivo também resgatamos a importância do bairro frente ao seu valor cultural, com um significativo sítio arqueológico descoberto pelos moradores e explorado pelo Padre João Alfredo Hohn¹, na década de 1960. Este sítio arqueológico não é divulgado pela mídia, não é explorado para fins de preservação, tampouco conhecido pelos moradores da Tapera e da cidade.

¹ Padre e jesuíta, João Alfredo Hohn lecionou física, química e ciências naturais no Colégio Catarinense em Florianópolis, onde aprofundou seu conhecimento em muitas áreas, com destaque à Arqueologia. Foi o pesquisador mais ilustre de Santa Catarina, edificando uma das maiores pesquisas arqueológicas do Brasil, para qual foi criado o Museu do Homem do Sambaqui. Disponível em: www.colegiocatarinense.g12.br. Acesso em 31 out. 2019.

Este TCC está organizado em quatro seções, além desta introdução e das considerações finais. A **segunda** seção refere-se à caracterização do bairro da Tapera por meio de registros oficiais. A **terceira** seção caracteriza o bairro por meio de relatos dos moradores mais antigos, principalmente daqueles ali nascidos, e dos moradores mais recentes. Neste sentido, escolhemos manter a fala das pessoas tal qual se apresentou no momento da entrevista. Já a **quarta** seção, refere-se aos textos e imagens veiculados pela mídia que tornam o referido bairro marginal e inseguro, se comparado aos demais bairros de Florianópolis, bem como sua ausência nas representações turísticas da cidade. Por fim, a **quinta** seção propõe outras narrativas e imagens sobre a Tapera, considerando as falas de moradores, fotografias da paisagem, novos empreendimentos que visam melhoramentos, nova infraestrutura e possibilidades de acesso ao bairro.

2 RECONHECIMENTO DO BAIRRO DA TAPERA E SUA DINÂMICA

Com uma área total de 7.607 Km²², o bairro Tapera está localizado ao sul da Ilha de Santa Catarina (Figura 2), fazendo parte do Distrito do Ribeirão da Ilha, conforme a Lei Complementar 6.919 de 26 de dezembro de 2005 que dispõe sobre a criação do bairro. Após essa data, passou a ser denominado Tapera da Base³. No Censo do IBGE do ano de 2010 o bairro contava com 9.715 habitantes.

² Plano Municipal Integrado de Saneamento Básico. Disponível em: <http://www.pmf.sc.gov.br>. Acesso em 10 out. 2019.

³O bairro denominava-se Tapera, antes da lei complementar 6.919 de 26 de dezembro de 2005.

Figura 2 - Localização do Bairro da Tapera



Fonte: OpenStreetMap
Elaborado pela autora e Arthur Nanni

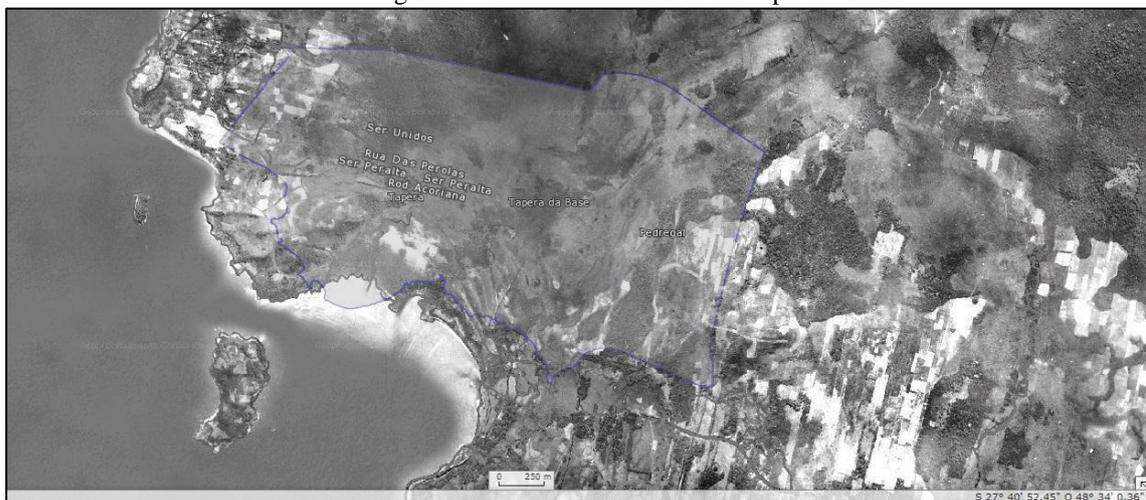
A Tapera é privilegiada por uma enseada de águas calmas, com 500 metros de extensão e pelas ilhas de Dona Francisca e das Laranjeiras. Possui um importante manguezal que sofreu redução significativa devido às drenagens para formação de pastagens e mais recentemente por aterros para a construção de moradias. Este manguezal é

protegido pelo Código Florestal e pelo Plano Diretor do Município, assim como os demais manguezais da Ilha (CECCA, 1996).

A construção do Aeroporto, em 1922, e da Base-Naval, em 1923, em área próxima provocou um impacto sobre a ocupação e a demografia da Tapera, com o deslocamento de militares a partir do ano de 1940 quando a Base-Naval passa a ser Base Aérea. Com isso, a possibilidade de oferta de emprego também atraiu famílias de localidades próximas ao bairro, tais como Ribeirão da Ilha, Pântano do Sul e Campeche (KLOCK FILHO, 2003).

Percebe-se, na figura 3, que no ano de 1938 não havia casas na área que compreende a praia da Tapera, pois nessa mesma época os moradores habitavam os domínios da atual Base Aérea.

Figura 3 - Foto aérea do Bairro da Tapera – 1938



Fonte: Geoprocessamento Corporativo PMF.

Alguns moradores antigos da Tapera relatam:

Era um lugar bonito, só tinha mato, se tu tivesse alguma coisa pra vender, se tu fosse tirar um balaio de berbigão, não tinha pra quem vender! Porque era muito pouco [...] dava pra contar as casas que tinha no tempo que eu me criei. Agora tá cheio que eu nem conheço ninguém. Tem gente que eu nem conheço[...] Moradores daqui eram bem poucos. Porque era só esse pedacinho daqui debaixo [na Rua da Praia]. A Barreira era tudo mato e banhado (Dona Leta, 2018)⁴.

Tinha muito pouco, tinha a Dona Vitinha, deixa eu ver...tinha uma, tinha duas, três, quatro...olha, mais ou menos umas dez tinha [casas]...porque aqui embaixo [na Rua da Praia] tinha uma que era da gente do Espíndola. Aqui embaixo tinha uma chacarzinha (Dona Val, 2019)⁵.

⁴ Dona Leta, 88 anos, moradora da Tapera em entrevista concedida a autora no dia 17 abr. 2018.

⁵ Dona Val, 70 anos, moradora da Tapera, em entrevista concedida a autora no dia 14 jul. 2019.

Então, Tapera é isso aqui que você tá vendo. Hoje tá uma cidade. Mas na época que eu me criei aqui tinha nada...máximo 60 pessoas...no máximo...to falando por mais. Sessenta pessoas. Casa? Vamo bota que tinha 20. Entendesse? Porque existia lá em cima perto do portão da Base, que não era ali, era lá embaixo na Base mesmo, na primeira casa da subida. Portão da Base era lá. E nós morava naquela rua pra dentro lá. Não existia aquela rua, era um trilho (Seu Gabi, 2019)⁶.

Até meados da década de 1970, as praias da Ilha mantiveram-se com suas comunidades pesqueiras e rurais praticamente isoladas do mundo citadino que se firmava em Florianópolis (CECCA, 1996). Já na figura 4 nota-se que grande parte da região que compreende o bairro encontrava-se em processo de crescimento. Os moradores concentravam-se na região da orla da praia e na parte alagadiça que atualmente está totalmente urbanizada.

Figura 4 - Foto aérea do Bairro da Tapera – 1977



Fonte: Geoprocessamento Corporativo PMF.

Alguns relatos como o da Dona Val (2019) e do Seu Arnol (2019)⁷ reforçam o que foi dito:

Lá a gente nem ia porque era tudo fechado. Era mato, era muita água por baixo. Aí tinha uma vala do ribeirão que saía lá perto do aeroporto. Essa vala era aberta. A gente tinha um caminho que a gente passava.

Nós saímos daqui [Tapera] pra Santa Maria né! Eu sai daqui em 83 né, cinco anos ficamos morando lá. Quando eu voltei, eu saí daqui e fui na ilha, lá do berbigão. Olhei pra cá, eu disse “meu deus eu vou em casa”. Voltei em casa, chamei ela [a esposa], “nega, vem cá que eu quero te mostrar uma coisa”. Saímos, fomos lá em cima do morro, aí eu disse

⁶ Seu Gabi, 82 anos, morador da Tapera, em entrevista concedida a autora no dia 19 jul. 2019.

⁷ Seu Arnol, morador da Tapera em entrevista concedida a autora no dia 14 jul. 2019.

“agora tu olha pra trás”. “Meu deus nego, o que que é isso?” [a esposa falou] A Tapera inchou...a Tapera era mato...cinco anos fora! Isso foi de 83 a 88, em 88 que aconteceu isso. Quando saímos não tava com aquilo ali, não tinha, não tinha...era bem pouquinha.

Com a implantação da Universidade Federal de Santa Catarina, da Eletrosul e de outras estatais houve um crescimento das populações de classe média, aumentando as áreas loteadas, bairros residenciais, prédios, empresas e comércios. Para atender às novas demandas geradas por essa população, foram pavimentadas as principais vias que dão acesso às praias do sul e do norte da Ilha e, com isso, os recantos mais ermos foram cortados por estradas e loteamentos transformando as comunidades tradicionais agrícola-pesqueira em balneários (CECCA, 1996).

Na década de 1980 consolidou-se uma expansão significativa nos balneários da ilha, quando a Tapera, juntamente com o bairro Campeche, sofreu ocupações clandestinas⁸, gerando uma urbanização de baixa qualidade. A infraestrutura necessária para a boa qualidade de vida dos moradores da Tapera não acompanhou seu crescimento, resultando problemas como falta de saneamento básico, serviços públicos para a população e falta de vontade política, pois o bairro não contribuía para o desenvolvimento turístico que se instalava na cidade nessa época, como destaca Pimenta (2005, p. 41):

Um novo movimento populacional indica, entretanto, os novos rumos que assumem o desenvolvimento e a ocupação da ilha. Enquanto o sul e as áreas mais próximas ao distrito-sede recebem população residente local, a ocupação insular norte (Canasvieiras, Ingleses, Cachoeira do Bom Jesus) surge em decorrência do fortalecimento do potencial de lazer e do setor turístico.

Na figura 5, percebe-se o crescimento populacional na Tapera com suas servidões e principais ruas ocupadas, entre as quais podemos destacar a Rua das Areias, mais conhecida como Barreira e a Rua do Juca, oriunda de antigo caminho feito pelos moradores da Tapera e região para chegar ao aeroporto. Essas duas ruas, juntamente com a Rua da Creche, dão acesso ao itinerário do transporte coletivo atualmente. As demais ruas e servidões são interligadas a essas três principais.

⁸ Plano Municipal de Habitação e Interesse Social de Florianópolis – PMHISF. Disponível em: http://portal.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/16_08_2010_15.41.22.197114da500fbc9c40c97b79dde1fd77.pdf. Acesso em: 17 jun. 2018.

Figura 5 - Foto aérea do Bairro da Tapera - 1994



Fonte: Geoprocessamento Corporativo PMF.

Em dado divulgado pelo Censo 2010 do IBGE e replicado no Jornal ND, afirma-se que no ano de 2010, pelo menos 75,7 mil pessoas viviam em favelas em Santa Catarina, ou em áreas desordenadas ou ainda de invasão. Nessa reportagem, o bairro da Tapera aparece liderando o ranking de 5.175 pessoas vivendo em construções precárias (Bispo, 2013).

Esse dado revela que o bairro cresceu de uma forma desordenada e sem a infraestrutura adequada para comportar seus novos moradores. O baixo valor dos terrenos e dos aluguéis foi um atrativo para aqueles que vieram de outras regiões à procura de empregos na capital.

O bairro ficou ausente das políticas públicas da cidade por muito tempo, mas, atualmente, há um movimento de moradores que buscam melhorias necessárias, com a participação de funcionários públicos e comerciantes da região nos debates que visam trazer benefícios para a Tapera.

No relato do morador e presidente do Conselho Comunitário da Tapera, May (2018)⁹, nota-se essa nova perspectiva de mudanças para o bairro:

[...] de cinco anos pra cá que a gente foi vendo mudança, tipo a infraestrutura. A gente viu mudança porque a maioria das ruas não tinha uma rua pavimentada, hoje praticamente 80% do bairro já tá pavimentado [...] Mudança assim, tipo, em lazer pras crianças, isso ainda tá igual porque a gente era criança não tinha uma área de lazer igual hoje não tem.

Com o intuito de contemplar as mudanças ocorridas na Tapera e as experiências e vivências dos próprios moradores, a história oral surge como possibilidade de elaborar o passado na fala de diferentes pessoas.

⁹Douglas Monteiro, morador da Tapera, entrevistado no dia 09 abr. 2018.

3 CONSTELAÇÃO PARTICULAR DAS RELAÇÕES SOCIAIS: DE CAIACANGA MIRIM À TAPERÁ.

Revisitando o passado através das narrativas orais é possível pensar na criação do espaço geográfico da Tapera. Uma forma de contar a história do bairro é a partir dos relatos de vivência dos seus moradores. Neste contexto, nos apoiamos em Alberti (2004) para melhor explicar a importância da história oral para essa pesquisa. Conforme esta autora, trabalhar com a história oral é reviver o passado, bem como compreender o presente para que se possa pensar no futuro. Como traz a mesma autora:

Uma das principais vantagens da história oral deriva justamente do fascínio do vivido. A experiência histórica do entrevistado torna o passado mais concreto, sendo, por isso, atraente na divulgação do conhecimento. Quando bem aproveitada, a história oral tem, pois, um elevado potencial de ensinamentos do passado, porque fascina com a experiência do outro (ALBERTI, 2004, p. 22).

De acordo com Alberti (2004), o trabalho de história oral consiste na gravação de entrevistas de caráter histórico e documental com atores/testemunhas de acontecimentos, movimentos ou modos de vida. Este se alicerça na narrativa. Contando suas experiências, a pessoa entrevistada transforma o que foi vivenciado em linguagem, por meio da qual seleciona e organiza experiências e memórias de acordo com determinado sentido.

Alberti (2004) ressalta ainda a importância de lembrar que tais entrevistas, assim como qualquer fonte histórica, são pistas para se conhecer o passado. Assim, a partir das entrevistas com alguns dos primeiros moradores da Tapera – cada um com sua versão da história – foi possível fazer a reconstrução de aspectos importantes da formação do bairro.

Os relatos a seguir não possuem datas específicas, pois são lembranças de pessoas que vivenciaram o bairro há muito tempo. Com o apoio de fotografias, jornais e outros documentos antigos, foi possível associar algumas datas.

Os relatos apresentados a seguir localizam e remontam, por meio da memória dos moradores, a antiga localização da Tapera, a paisagem da escola, da escada do couro, da bica, dos engenhos, das atividades da pesca, da fábrica de vassouras e o crescimento do bairro.

Onde tudo começou...

Conforme os relatos de moradores entrevistados foi possível localizar onde o bairro da Tapera pôde ter tido seu início. Essas pessoas residiam num lugar chamado Caiacanga Mirim, como indica o mapa da Ilha de Santa Catarina datado de 1786 (figura 6),

onde atualmente está localizada a Base Aérea de Florianópolis. Com a instalação dessa instituição, os poucos moradores que habitavam essa área foram removidos para a parte onde hoje se situa o bairro.

Figura 6 - Mapa da Ilha de Santa Catarina - 1786



Fonte: <http://fortalezas.org>.

Acesso em 30 set. 2019.

Outro ponto importante, lembrado por várias pessoas (destacado nos excertos a seguir), foi a rua do Fogo, localizada na Caiacanga Mirim, antiga denominação do bairro da Tapera:

Nasci ali embaixo, em 1938 eu nasci. Ali embaixo na praia [...] **Rua do Fogo!** [...] E tu vê! O comandante da aeronáutica tirou nós de lá e mandou botar nós pra cá. Então aquilo lá a Base tomou tudo e passou o portão pra aqui, pra igreja ali em cima. Depois da igreja ali de cima passamo cá pra baixo mais um pouco, entendeu? Que passa ali pelo lado da casa do Arnoldo ali. Terreno da Base passa pelo lado de cima. [...] só existia duas casa ali em cima que era o armazém do Seu Zeca do Olímpio – entendeu? (Sr. Gabi, 2019).

Primeiro eu vou falar quando eu tinha cinco anos de idade, eu morava na **Rua do Fogo**. Lá embaixo na Base Aérea (Dona Vilma, 2019)¹⁰.

[...] A praia era a praia chamada a **Rua do Fogo** [...] As mulheres daqui trabalhavam nas casas dos oficiais, na casa dos tenentes, coronel, toda aquela vila...só existia naquela época aquela vila de oficial, a primeira, que tu vê até aonde vai o hangar [...] (Dona Ana, 2017).¹¹

¹⁰ Dona Vilma, moradora da Tapera, em entrevista concedida a autora no dia 20 jul. 2019.

¹¹ Dona Ana, moradora do bairro Ribeirão da Ilha, nascida na Tapera, em entrevista concedida a autora no dia 24 abr. 2018.

Lá que era a **Rua do Fogo**, porque diziam que parecia que saia fogo de uma pedra [risos] isso é coisa de gente....aí tinha a pedra da bruxa. Entendeu? Tinha a pedra da bruxa. Que essa pedra da bruxa ainda tem e é lá dentro do terreno da Base. (Dona Val, 2019).

[...] ali tem uma malha de bambuzeiro pro lado de cima da prefeitura? Ali era a casa do meu bisavô. Aí o meu avô não era ali, era lá naquela **Rua do Fogo**, entendeu? Da rua do fogo é que eles vieram descendo pra cá, porque a Base foi comprando os terreno, entendeu. Foi expulsando os moradores (Seu Arnol, 2019).

Com base em registros de jornais antigos de Florianópolis, pesquisados na Biblioteca Nacional Digital¹², encontramos informações acerca desse local. Esses registros ajudaram a dar indícios da existência da localidade que antecedeu o atual bairro da Tapera.

A figura 7, fragmento do Jornal República SC de 1937, trata da doação de um terreno na Caiacanga Mirim, onde estava situada a antiga Base de Aviação Naval. Já a figura 8, fragmento do mesmo jornal, refere-se à desapropriação de terreno na Caicanga Mirim no ano de 1924, no período da instalação da Base de Aviação Naval, atual Base Aérea de Florianópolis - BAFL.

Figura 7 - Doação de terreno em Caiacanga Mirim - Jornal de 1937

Geraldo Garcia, Francisco Linhares, Jovino Costa, Alfredo Luz, Aristides Martins, José Luz, Saturnino Lopes, Balduina Lopes, Oton Ribeiro, Maria Silva, Lauro Jovino, Francisco Gonçalves, Tomé Vieira, José Cardoso, Amaro Jacques, Manoel Martins, Onofre Fernandes, Virgilino Lopes, Rufino Souza, João Serafim, Vitalino dos Passos, Alexandre Lopes. Virtuoso Serafim, João Espindola, Manuel Soares.

Art. 3º—Fica ainda o mesmo Poder autorizado a doar a área de 148.752,19m², no lugar Caiacanga Mirim, onde está a atual Base de Aviação Naval.

Art. 4º—As confrontações dessa área são as seguintes:
Norte: Terras de Manoel Martins e Onofre Fernandes.
Sul: Terras de Virgilino Lopes, Rufino Souza, João Serafim e Vitalino dos Passos.

(Continúa na 2a. página)

Fonte: Republica SC – Ano 1937. Disponível em: <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>.

Acesso em 06 set. 2019.

¹² Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em 06 set. 2019.

Figura 8 - Desapropriação de terreno em Caiacanga Mirim - Jornal de 1924

<p style="text-align: center;">Editaes</p> <p>O dr. Erico Ennes Torres, juiz de direito da 1.ª vara da comarca de Florianopolis, capital do Estado de Santa Catharina, na forma da lei. Faço saber aos que o presente virem e delle conhecimento tiverem que pela Fazenda do Estado me foi feita a petição do teor seguinte: «Exmo. sr. dr. Juiz de Direito da 1.ª Vara. Diz a Fazenda do Estado, por seu procurador abaixo assignado, que sendo considerado de utilidade publica a desapropriação de um terreno com a area de 91.480m², sito no logar Caiacanga Mirim, districto do Ribeirão, nesta comarca, e de propriedade dos herdeiros de Manoel Aldano, residentes em logar incerto e não sabido, terreno esse comprehendido no plano de obras para a construcção do Campo de Aviação Naval e para cujas obras o Governo do Estado se obrigou a pôr a disposição daquelle, (decreto n.º 5 de ante-ho-</p>	<p>de janeiro em deante, devendo os respectivos contribuintes adquirir as estampilhas por meio de guias, confeccionadas em duas vias, de accordo com o modelo existente na Portaria desta Alfandega.</p> <p>Alfandega de Florianopolis, em 21 de janeiro de 1924.</p> <p>O 2.º escripturario Clementino Fausto B. de Britto</p> <p style="text-align: center;">-----</p> <p style="text-align: center;">Junta Commercial</p> <p>Por esta Secretaria e na conformidade do regulamento de 1.º de Junho de 1916, se faz publico que por despacho da Junta Commercial, em secção de 17 do corrente mez, foi expedido titulo de nomeação de Interprete da lingua Allema desta praça, ao sr. Luiz Goeldner, o qual entrou em exercicio do referido cargo, de-</p>
---	---

Fonte: Republica SC – Ano 1924. Disponível em: <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>.

Acesso em 06 set. 2019.

Os moradores relataram também que frequentavam a escola onde atualmente está instalada a Prefeitura de Aeronáutica na Base Aérea (figura 9):

O colégio não era ali. O colégio era lá dentro da Base, que é a prefeitura agora, antiga. Eu estudei lá, [e também] os meus filhos [...] Então, nós estudamos lá. Então nós saia lá da ilha, lá da ilha de pé, ia até a Base Aérea pra estudar. Nós ia de pé e voltava de pé. Então, era muita pouquinha casa assim é...bem pouquinha casa. (Dona Val, 2019).

A nossa [antiga] escola é aquela prefeitura da Base lá em cima do morro. Não tinha coisa de 40, 50 criança e olhe lá se tivesse isso. (Sr. Gabi, 2019).

[...] a prefeitura que hoje é da Base...ali. Ohh eu era um bichinho, quase matava a professora e ela muito braba, muito ruim. (Dona Vilma, 2019).

Aquele colégio ali que tá dentro da base, ele era tenente Almáchio onde eu estudei de 1ª a 4ª série, lá onde é a prefeitura da base hoje, lá era a escola. Ali naquela parte onde tinha a igreja não tinha nada. (Dona Ana, 2018).

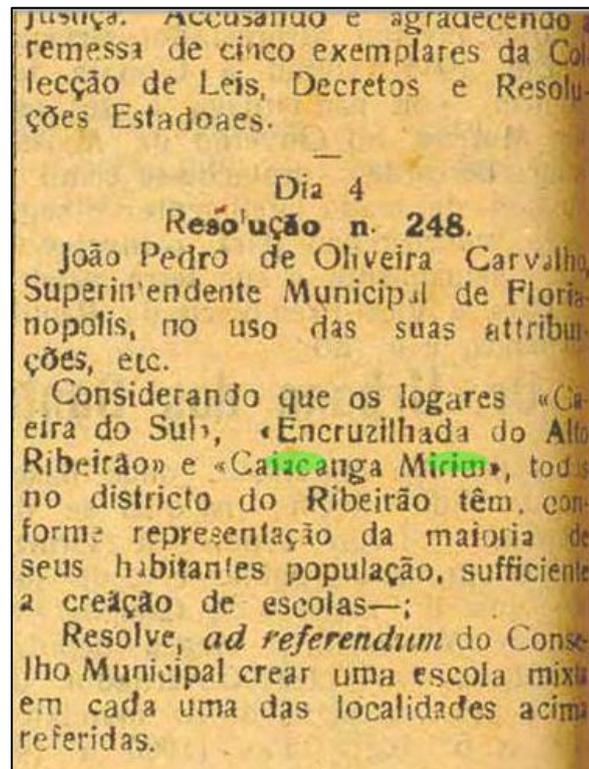
Figura 9 - Prefeitura de Aeronáutica – Base Aérea de Florianópolis



Fonte: Disponível em <http://guiemi.blogspot.com/2010/10/base-aerea-de-florianopolis.html>.
Acesso em 26 set. 2019.

A figura 10, fragmento do Jornal Republica SC, de 1922, confirma a presença dessa escola com a notícia da criação desta na localidade de Caiacanga Mirim, visto a representação significativa de habitantes desse lugar.

Figura 10 - Criação de escola em Caiacanga Mirim - Jornal de 1922



Fonte: Republica SC – Ano 1922. Disponível em: <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>.

Acesso em 06 set. 2019.

Esses relatos são tomados como descrições de paisagens que fizeram – e ainda fazem – parte do cotidiano e da história desses moradores. Tais paisagens são simbólicas, porque são produto de apropriação e transformação do meio ambiente pelo homem (COSGROVE, 2004). Essas paisagens que habitam a memória dos moradores ajudam a mapear lugares, situações, objetos e edificações, apesar de encontrarem-se modificadas tanto pela ação dos próprios moradores quanto do tempo.

E a praia da Tapera não tinha nem rancho nenhum, era tudo aroeira, era linda. Na beira da praia. E lá naquele rancho que vai pra outra praia de lá tinha uma escada do couro, que chamavam. A Escada do Couro. Ela tinha uma escadinha mesmo da própria natureza, tá [...] Então, veio morador, comprou aquele terreno, tirou a nossa passagem, botou pelo lado. Então, ali a Escada do Couro e a bica é o nosso ponto de estimação. pode-se dizer assim. Porque é um ponto que a gente chegou aqui, a bica tava ali, e todo mundo agora pega água da bica, todo mundo. A pessoa não precisa comprar água, então eles pegam ali. Então era bica, os ranchos que não tinha, e era aroeira. Era um lugar assim lindo. Maravilhoso (Dona Val, 2019).

Ah aquela aguinha da bica, meu deus. Aquela aguinha da bica é uma delicia. Mas eu não tenho que vá buscar pra mim [...] Tem a pedra da

bruxa, tem a pedra da feiticeira [...] ela é assim uma rampa, cheia de onda, a pedra é...elas subiam por ali. (Dona Vilma, 2019).

A “bica”¹³ (figura 11), que os moradores relatam, é uma fonte de água que corre constantemente e está localizada no lado esquerdo da praia, entre os ranchos dos pescadores. Muitos moradores consomem essa água. Essa e outras paisagens simbólicas ainda fazem parte do cotidiano dos moradores como a “Escada do Couro” (Figura 12), a “pedra da bruxa” e da “feiticeira”, as quais permanecem somente na memória, pois o acesso a esses dois últimos lugares estão restritos, visto que ficam sob os domínios da Base Aérea de Florianópolis - BAFL.

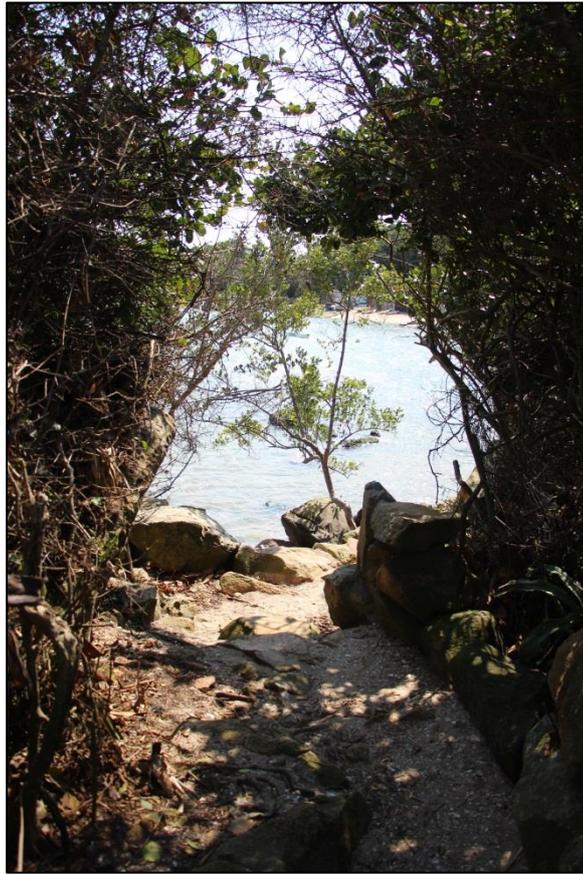
Figura 11 - Local onde se situa a "bica"



Fonte: A autora, 2019.

¹³ Os moradores da Tapera chamam esse local de bica, ainda hoje essa água é consumida.

Figura 12 - "Escada do couro"



Fonte: A autora, 2019.

A condição litorânea, aliada ao passado histórico, conferiu a Florianópolis a vinculação com as atividades pesqueiras e rurais. Pequenos aglomerados pesqueiros espalhavam-se pelas praias da ilha (MONTEIRO, 2015). Relatos e fotografias (figura 13 e 14) reforçam que as habitações estavam próximas à praia.

Tapera era assim, aquele lugar, pela orla morava somente pescadores e alguns empregados temporários da base aérea. Porque aqui na Tapera naquela época tinha uma população bem pequena. Na época em que eu vivi ali não existia essa parte de trás, essa Tapera nova, que deve ser coisa de 30 a 40 anos, essa imensidão que mora [atualmente ali], que engloba, que fecha esse povoado da Tapera (Dona Ana, 2017).

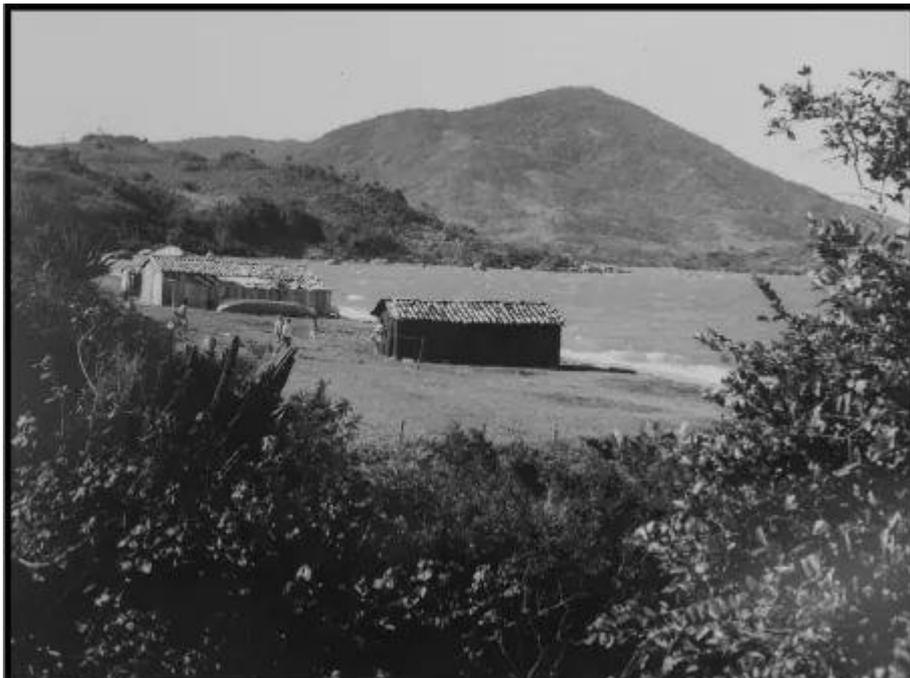
[...] a praia da tapera só tinha mato e bastante piteira, mas era uma praia muito bonita, linda, tinha um riozinho que passa aqui perto da minha casa. Ali a gente matava até peixe de água doce, tinha traíra. Hoje em dia, agora, não tem mais nada porque o povo começou a fazer casa botando esgoto pra praia, acabou com a nossa praia. (Dona Leta, 2017)

Figura 13 - Rio da Eira - Praia da Tapera - 1933



Fonte: Casa da Memória de Florianópolis.

Figura 14 - Praia da Tapera - rancho de pescadores s/d



Fonte: Acervo Fabiano Bernardes.

Conforme Klock Filho (2003), em consonância com os entrevistados para essa pesquisa, entre os anos 1920 e 1950, o bairro se resumia a poucos moradores que habitavam a área entre a Base Aérea e a praia. Suas atividades se dividiam entre agricultura (engenhos de farinha), pescaria, empregados na Base Aérea de Florianópolis e no setor de serviços relacionados ao centro da cidade.

Nesse período, ocorriam plantações e criação de gado leiteiro nas terras que hoje estão localizados o aeroporto e a Base Aérea. Para aumentar a produção leiteira surgiu o Projeto Gado Leiteiro, dando origem a uma dezena de Postos de Monta, para aumentar a produção leiteira da cidade. Para tanto, os Postos de Monta ocuparam áreas públicas, inclusive terras de uso comum, como aconteceu no Campo da Ressacada, que já existia a Fazenda da Ressacada de fomento para a criação do gado leiteiro (CAMPOS, 1989).

A Base antes tinha vaca leiteira, tinha, tinha...tinha vaca leiteira, tinha uma cocheira muito grande lá no aeroporto velho lá, nós chamava de monta. Hoje é outro nome lá, sei lá, entendeu. Tinha sim. (Sr. Gabi, 2019)

Sim, a plantação dentro da Base é porque antigamente, no começo, era geralmente vacaria. Eles faziam dentro, aí tinha criação de porco, criação de gado e a plantação. (Seu Arnol, 2019)

Aqui ao lado da Tapera, onde hoje é próximo também ao Carianos, tinha uma região chamada Monta, que eles criavam gado, gado leiteiro, plantavam verduras diversas e muito gente trabalhava, porque essas verduras, esse leite era pra abastecer o centro de Florianópolis, os hospitais. Veja, não havia leite pasteurizado, muito menos esse integral que nós temos longa vida, embalagem tetra pak, não havia isso. Então, tinha que ter os criadouros né, então aqui, tanto aqui onde é hoje região da Tapera e Carianos como onde é hoje o campo da UFSC era chamada as Montas. Eram as fazendas que eles plantavam verduras como eu falei e produziam também leite com gado leiteiro. (Rodrigo, 2018)

Ainda sobre o modo de vida dessas famílias que povoavam o bairro no período citado, temos alguns relatos afirmando que as mesmas viviam das plantações de mandioca e da pesca para subsistência:

Muita mandioca eu raspei. Nós trocava, nós trocava...antigamente nós trocava...nós ia rapa mandioca pra ganhar um quilinho, dois de farinha e dava açúcar (Dona Vilma, 2019).

E a convivência do povo da Tapera, esse pouco povo que habitava aqui, era pesca. Tudo pescaria. Era rede de caicai, eles chamavam, rede pra matar parati e tal. Espinhel, camarão...essa era a vivência do povo da Tapera. Porque pouca gente se acumulava por ali. E existiam três engenhos de farinha, que as mulher rapavam mandioca pra ganhar a farinha, entendeu? Ganhavam saquinho cheio de farinha pra família comer, comer um pirãozinho lá, entendeu? É verdade, que eu comi

bastante e como ainda. Tenho vergonha não, era o nosso passadio. É por isso que hoje eu to com 81 anos. Comi bastante pirão d'água com peixe assado [risos] (Seu Gabi, 2019).

[...] pesquei e tirei muito berbigão. Tirava pra comer, não pra vender, entendeu, só pra comer. Não tem aqueles sacos de cebola, vermelhinho, parece plástico? Aquilo ali eu tirava ele cheio de não poder dar nó, pegava um nylon lá na praia e costurava a boca pra trazer ele. Botava nas costas e trazia até aqui. Um saco daquele. Dava um berbigozinho legal (Seu Arnol, 2019).

Os engenhos existentes na Tapera eram para produção de farinha local e estavam localizados próximos à praia, conforme os relatos a seguir:

Tinha um [onde] quem hoje sai daqui dobra a esquina vai pra praia, ali tinha uma casa que tem um bar. Não tem um bar atravessado ali na praia? Ali tinha um engenho. Assim pouquinho, pouquinho coisa, ali tinha um engenho. E cá mais pra cima tinha outro (Dona Vilma, 2019).

E existia três engenho de farinha [...] Um engenho ficava ali perto daquela senhora que vocês entrevistaram lá. Ficava ali. Onde foi feita aquela casa nova agora, pelo lado direito, ficava lá pra dentro [na rua da praia em frente a casa da Dona Val], ali era um engenho. E na ilha, lá naquela ilha do berbigão [Dona Francisca] tinha outro que era do Seu Geraldo. Minha mulher ia pra lá, que era mocinha, ia pra lá rapa mandioca mais a mãe dela. Morava Seu Cazuzza naquela ilha que não existe mais ninguém. E ali em cima tinha outro que era do Seu Vertuoso, entendeu? Então, era três engenho de farinha. Três engenho de farinha, quatro armazém, quatro bodega pra toma cachaça. Não tinha mais nada (Sr. Gabi, 2019).

O engenho era do meu sogro. Tinha, lembro. [E onde era?] Era aqui na frente da casa (Dona Val, 2019).

Tinha engenho, a Valdelicia deve ter falado do engenho do sogro [que era em frente a casa dela] no outro lado...aquele engenho nós, meu pai, tinha plantação de aipim. Aí nós colhia, levava lá, lá a gente raspava, fazia farinha de meia. Vamos dizer, deu trinta sacos, então quinze sacos era do dono do engenho e quinze saco de quem plantou a mandioca, o aipim (Seu Arnol, 2019).

Um desses engenhos estava situado em frente à casa centenária¹⁴ preservada pela família, conforme relato anterior (figura 15 – foto atual e 16 – foto antiga).

[...] a nossa que é de mais de 200 anos, só noventa e pouco a minha sogra morreu, [19]98, 99 ela morreu, era Dona Bernardina, nome dela. Então era essas casas que tinha e o pessoal era muito pouco (Dona Val, 2019).

¹⁴ Conforme relato da Dona Val a referida casa está localizada na Tapera há 3 gerações.

Figura 15 - Casa centenária localizada próxima à praia da Tapera, atual hamburgueria Pão Mané



Fonte: A autora, 2019.

Figura 16 - Casa centenária - ano 1976



Fonte: Leslie Araújo da Silva.

Outras atividades remuneradas dos moradores da Tapera aparecem nos relatos de Dona Ana e Dona Val:

O povo daqui vivia tão pobre. Aí a mulherada ganhava dinheiro onde? Lavando [roupa] para os soldados que vinham de outros lugares e viviam direto aqui. (Dona Ana, 2018).

A gente trabalhava na praia de faxineira, de limpeza, de lavar roupa. Lavava pros soldados. (Dona Val, 2019).

Durante a década de 1960 – a data não é precisa – instalou-se próximo à Rua da Praia a fábrica de vassouras, conforme relatos dos moradores. A casa que abrigava a fábrica, atualmente, tem sua fachada descaracterizada (figura 17 – foto atual e 18 – foto antiga) pelas reformas ocorridas. No entanto, ela ainda permanece no local e na memória daqueles que trabalharam nela.

Ah trabalhei muito tempo na fábrica de vassoura, fazendo vassoura, essa...que eles dizem que é a piassava! É do antigo Ferreira [...] ali em frente ao ponto de ônibus. Ali nós fazia vassoura pra ir pra Tubarão. Fizemo muita vassoura [...] eu tinha o que...uns dezesseis, quinze anos por aí. Ali na praia...ali não tinha nada naquilo ali. (Dona Vilma, 2019)

Eu cheguei na Tapera em 61 [...] Aí morei nessa casa mesmo [...] Só que a casa era muito feia, parecia casa de bang bang, ela era assim, aí eu virei assim [demonstração], virei ao contrário, fiz mais caída assim e a fábrica de vassoura eu deixei como era, já era uma coisa mais histórica né, eu também nunca morei ali [...] (Dona Elza, 2019).

Figura 17 - Fachada da antiga fábrica de vassouras



Fonte: A autora, 2019.

Figura 18 - Fachada da fábrica de vassouras ao fundo - década de 1980



Fonte: Acervo da autora

A partir da década de 1980, houve um crescimento populacional significativo no bairro Tapera, mais especificamente na área que compreende as ruas da Barreira e do Juca. Crescimento este que se deu através de ocupações irregulares, alugueis e vendas de terrenos a baixíssimo custo, como afirma Dona Elsa:

Não tinha Barreira, só mato. Tinha assim umas servidõezinhas assim, atalho né, e lá embaixo na rua do Juca tinha uma casinha, que era de um funcionário do colégio aqui em cima. Aí depois ela foi se desenvolvendo. Eu acho que quando nós chegamos, que meu marido mediu tudo lá da praia até o nosso aqui, pra ver direitinho a coisa....aí o pessoal se animou e começou a vender. [...] Daí pro pessoal ficou mais fácil fazer os lotes [...] Mas também do lado de cá ia até a Base, sabe. Até ali o clube da Base. Que aí a Base também pegou uns pedaços dali né, pronto...vendemos uns pedacinhos assim, ruazinhas de 1,82, mal dava uma rua né. Então a gente adicionou só esses que iam até aqui embaixo né, pra alargar um pouquinho o terreno e o resto ficou....não valia nada. [...] Aí também vieram muitas pessoas que precisavam, casais novos que não tinham condições, mas aí com tanta facilidade né, seis meses de R\$ 200,00 por mês, R\$ 1.200,00 um terreno. Há quatorze anos eu vendi dois quando meu marido morreu, por R\$ 15.000,00, na rua das Pérolas, que foram os últimos que sobraram.

Este expressivo crescimento populacional acelerado e desordenado continua nos dias atuais, desencadeando problemas sociais típicos desse tipo de urbanização, os quais aparecem nas narrativas midiáticas, como veremos a seguir.

4 A TAPERA DE HOJE: ENTRE A MARGINALIDADE NOS JORNAIS E A AUSÊNCIA NA REPRESENTAÇÃO TURÍSTICA DA CIDADE

Atualmente, quando se fala na Tapera, a primeira associação que se faz é com criminalidade, violência e pobreza. Isso não ocorre a toa, visto que a divulgação dos meios de comunicação da cidade reduz o bairro a essas características. Segundo Albuquerque Jr. (2012), esse tipo de formulação, discursiva e imagética, dificulta a abertura para a produção de outras perspectivas sobre o espaço.

A imagem de negatividade que a Tapera carrega em sua história, construída em grande parte pela mídia, contribui para a sua ausência do circuito turístico de Florianópolis. Afinal, quem gostaria de ir à praia num lugar marcado pela criminalidade? A invisibilidade da Tapera se faz notória quando comparada a outros balneários da Ilha, supervalorizados nos guias turísticos, condicionando visitantes e moradores a deslocamentos em busca de lazer e história da cidade.

4.1 POBREZA, MARGINALIDADE E VIOLÊNCIA NAS NOTÍCIAS SOBRE A TAPERA

A invenção da Tapera como bairro marginal ganha força por meio de narrativas – textuais e imagéticas – construídas pela mídia, que buscam legitimar o lugar como tal, por meio da divulgação de imagens homogêneas e ideias repetidas. Para exemplificar essa construção, analisamos imagens e textos divulgados pelos jornais Notícias do Dia, Diário Catarinense e RIC Mais.

Encontramos, em sua maioria, questões pontuais e quase sempre depreciativas do bairro, que instituem a criminalidade como uma de suas principais marcas. Essas informações divulgadas têm contribuído para a construção de uma Tapera perigosa.

Tais discursos, por vezes, distorcem e generalizam a realidade do lugar. Nesse mesmo sentido se dá a interpretação de Lenzi (2016, p. 57), quando trata da invenção turística de Florianópolis:

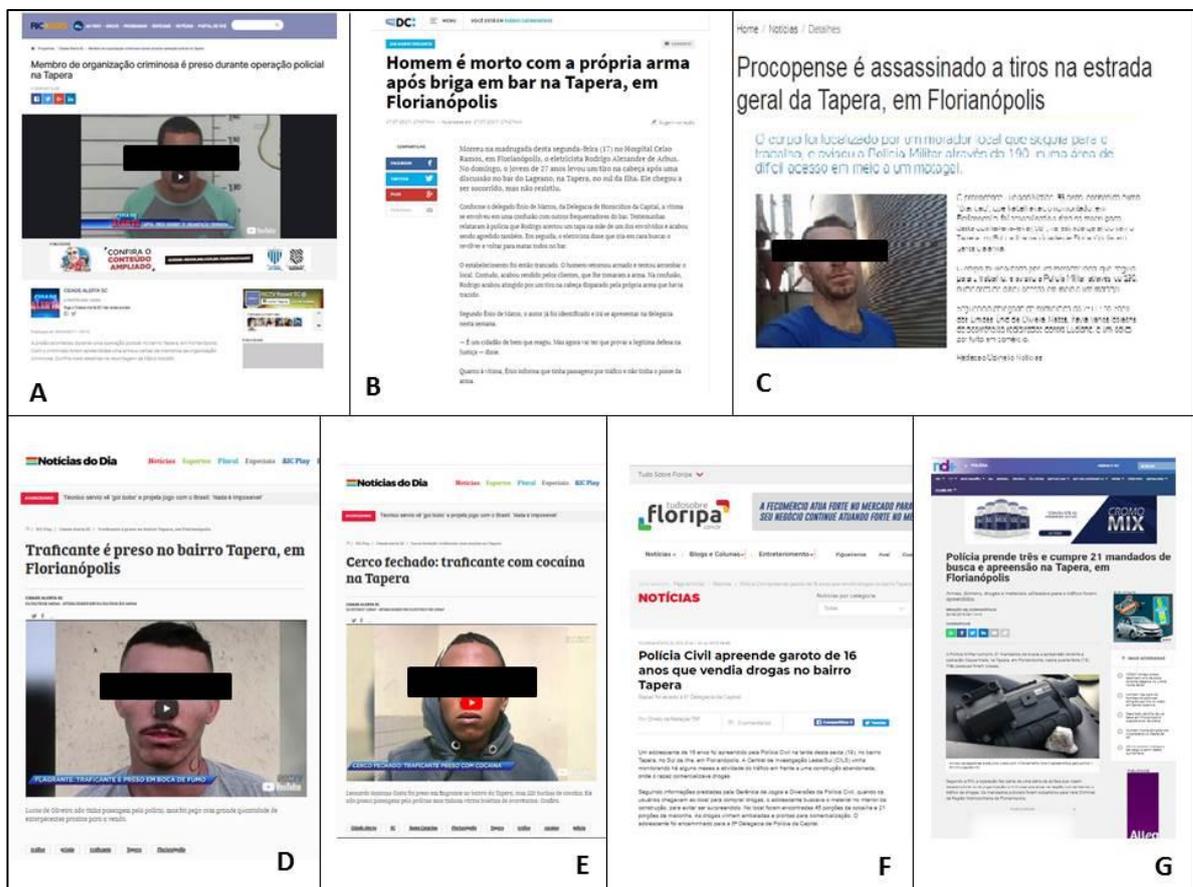
A construção dessa suposta “realidade” da ilha de Santa Catarina como lugar paradisíaco, tal como divulga a publicidade e vem sendo legitimada por outros meios, é fruto de significações, não sendo, portanto, uma característica somente empírica, mas também simbólica.

Conforme a mesma autora, Florianópolis não é uma cidade apenas rodeada por praias paradisíacas que comporta somente o turismo como fonte econômica. Sua realidade é composta por toda uma dinâmica social local que muitas vezes não é divulgada. Assim

como no caso da Tapera, que traz em sua formação histórica o preconceito de lugar marginalizado dirigido pelo olhar e fala da mídia, mas que efetivamente é composto por práticas sociais que manifestam uma realidade desconhecida.

Para explicitar essa construção generalista, elaboramos um compilado das publicações encontradas nos jornais anteriormente citados a fim de analisar o que cada uma divulga sobre a Tapera. As reportagens destacam brigas de bar com mortes, operações policiais de combate ao tráfico de drogas e homicídios.

Quadro 1 - Notícias do Bairro da Tapera



Fonte: Elaborado pela autora, 2019¹⁵.

15 Informações sobre as imagens do quadro 1 – **Figura A** – Fonte: Disponível em: <https://ricmais.com.br/sc/programas/cidade-alerta-sc>. Acesso em 12 nov. 2017; **Figura B** – Fonte: Disponível em: <http://dc.clicrbs.com.br>. Acesso em 12 nov. 2017; **Figura C** – Fonte: Disponível em: <http://portal.cornelionoticias.com.br/posts/detalhes/23>. Acesso em 12 nov. 2017; **Figura D** – Fonte: Disponível em: <https://ndonline.com.br>. Acesso em 23 jun. 2018; **Figura E** – Fonte: Disponível em: <https://ndonline.com.br>. Acesso em 23 jun. 2018; **Figura F** – Fonte: Disponível em: http://www.tudosobrefloripa.com.br/index.php/desc_noticias/policia_civil_apreende_garoto_de_16_anos_que_vendia_drogas_no_bairro_tapera. Acesso em 22 jul, 2019; **Figura G** – Fonte: Disponível em: <https://ndmais.com.br/noticias/policia-prende-tres-e-cumpre-21-mandados-de-busca-e-apreensao-na-tapera-em-florianopolis/>. Acesso em 22 jul. 2019.

Percebemos que em cada fato divulgado pelos jornais, reafirma-se a naturalização da marginalização do bairro como um mero palco para violência. E mais, na ausência de outras imagens e narrativas, a Tapera permanece dessa forma no imaginário da população. Nas figuras do quadro 1, identificamos que essa realidade transmitida pelas mídias reproduzem uma imagem única, caracterizando o bairro de forma grosseira e apagando a multiplicidade e diferenças que constituem aquele espaço.

As imagens e discursos repetidos instituem não somente a realidade do bairro, mas também de seus moradores, reduzindo-os e homogeneizando-os. Conforme Albuquerque Jr. (2012), o discurso da estereotipia é assertivo, repetitivo e arrogante, fruto de uma voz segura e autossuficiente que atribui o direito de falar do outro em poucas palavras. Para esse mesmo autor, os estereótipos são:

[...] uma espécie de esboço rápido e negativo do outro. Uma fala redutiva reducionista, em que as diferenças e multiplicidades do outro são apagadas em nome da fabricação de uma unidade superficial, de uma semelhança sem profundidade. [...] O estereótipo lê o outro sempre de uma única maneira, de uma forma simplificadora e acrítica, levando a uma imagem e uma verdade do outro que não é passível de discussão ou problematização (ALBUQUERQUE JR., 2012, p. 13).

Desse modo, o bairro da Tapera permanece às margens dos discursos que definem a cidade na qual está inserido. Então, definir um bairro a partir de discursos e imagens que a grande mídia apresenta, de fatos pontuais, é instituir uma verdade generalizada para as múltiplas identidades que compõem o espaço?

Massey (2008, p. 184) manifesta sua perspectiva de lugar quando expõe que “[...] o que dá a um lugar sua especificidade não é uma história longa e internalizada, mas o fato de que ele se constrói a partir de uma constelação particular de relações sociais, que se encontram e se entrelaçam num locus particular”. O sentido de lugar aqui é justamente o oposto do apresentado pelos entrevistados (moradores do Ribeirão da Ilha) na dissertação de Nór (2010). Estes excluem os bairros Tapera e Carianos do seu recorte espacial, com a justificativa de que são desfavorecidos de cultura e de história, argumentando ainda que não fazem parte do seu distrito. Para os moradores entrevistados no trabalho citado, os bairros Tapera e Carianos foram construídos com base na população migrante que se instalou nesses locais, descaracterizando suas identidades.

Como se não bastasse enxergar a Tapera como um bairro desfavorecido de cultura e história e ainda marginalizado, quando nos atemos aos mapas das praias e guias turísticos da cidade de Florianópolis, não encontramos a Tapera como uma praia destinada ao

turismo, reafirmando ainda mais a negatividade do olhar sobre o bairro, contrastando com os discursos de seus próprios moradores:

É muito bom, maravilhoso. Não saio daqui, só depois de morta. Muito bom, pra mim aqui o nosso lugar aqui é bom. Agora tem lugar pra lá que eu não gosto. Aqui é ótimo. Aqui foi herança da minha sogra. Eram dois filhos que ela tinha, era o Onésio e a Teltilla, então aí eles dividiram os terrenos, mas isso aí era tudo da minha sogra. Tudo! Só que venderam assim né, baratinho. E foram construindo, foram vendendo e acabou com tudo. Mas graças a deus a gente tá aqui tá bem, a gente não paga aluguel. Meus filhos moram tudo aqui perto de mim. Tenho três filhos, mora aqui....Graças a deus tá tudo bem pra morar aqui é ótimo. Maravilhoso. Pra mim é! (Dona Val, 2019)

[...] Mas aqui era um lugar muito bom, eu to com 88 anos e gosto muito daqui da tapera. Tem gente muito boa aqui na Tapera, famílias de gente boa. Eu não tenho nada contra ninguém. Pra mim eu gosto de todo mundo. Não tenho nada que falar mal. Mas aqui é um lugar muito bom, sabes. (Dona Leta, 2018)

4.2 A AUSÊNCIA DA TAPERA NAS REPRESENTAÇÕES DA CIDADE TURÍSTICA

Na busca incessante por informações que auxiliassem a construir esta pesquisa, a frustração ressurgiu quando nos deparamos com a forma como a Tapera aparece nas representações turísticas, conforme mostraremos a seguir.

Nas plataformas de busca da internet foram encontrados alguns mapas que localizam bairros e praias da Ilha de Santa Catarina. É interessante notar que na figura 19 (a seguir), a Tapera figura como um dos bairros da Ilha, no entanto, na figura 20 (na sequência), que localiza suas praias, podemos perceber a ausência da Tapera. Embora a Tapera seja um balneário, inclusive compartilhando com o Ribeirão da Ilha o mesmo mar, ela não é considerada praia, enquanto este último é. Entendemos que na medida em que a Tapera não é considerada praia, ela não é visibilizada como parte do circuito turístico da cidade, visto que este é focado no turismo de sol e mar.

Figura 19 - Mapa dos bairros de Florianópolis



Fonte: Disponível em: <https://www.encontraflorianopolis.com.br/sobre/mapa-de-florianopolis/>.

Acesso em 23 ago. 2019.

Figura 20 - Praias existentes em Florianópolis



Fonte: Disponível em: <https://www.encontraflorianopolis.com.br/sobre/mapa-de-florianopolis/>.

Acesso em 23 jul. 2019.

Deparamo-nos também com a página do G1 SC, na qual há o seguinte enunciado: “Florianópolis, SC: o que fazer, o que visitar, o que comer”. Nessa página é apresentado um roteiro visando atrair turistas na baixa temporada, apontando lugares turísticos do norte ao sul da Ilha. A imagem divulgada, como proposta de destino da parte sul, expõe o pôr do sol no Ribeirão da Ilha, conforme figura 21, sendo que na figura 22, foto tirada pela autora, retrata que o mesmo pôr do sol acontece na praia vizinha, Tapera.

Figura 21 - Sol bucólico no Ribeirão da Ilha



Fonte: Disponível em: <http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2015/07/florianopolis-sc-o-que-fazer-o-que-visitar-o-que-comer.html>.

Acesso em 15 out. 2019

Figura 22 – Pôr do sol na Praia da Tapera



Fonte: A autora, 2017.

Florianópolis é considerada a capital do turismo, das belas praias, de gente bonita, da segurança, com ar bucólico sem perder o ar de cidade grande. As imagens das praias e dos bairros tradicionais são cartões postais da “ilha da magia”. Conforme a página da Prefeitura Municipal de Florianópolis (PMF)¹⁶, considerava-se que a cidade possuía 42 praias, mas para surpresa, a cidade contava com mais de 100 praias. Na mesma página da PMF, as praias que compõem a Ilha são mencionadas e acompanhadas por fotos, exceto a praia da Tapera, que aparece somente no mapa, apenas para contabilizar as praias (figura 23).

¹⁶ Informação retirada do site da PMF. Disponível em: <http://www.pmf.sc.gov.br/entidades/turismo/index.php?cms=atrativos+naturais+++praias&menu=7>. Acesso em 29 jul. 2019.

Figura 23 - Mapa de Florianópolis



Fonte: Disponível em: <http://www.pmf.sc.gov.br/entidades/turismo/index.php?cms=mapa>.
Acesso em 29 jul. 2019.

Segundo Kossoy (2007, p.31), “o papel cultural das imagens é decisivo, assim como decisivas são as palavras”. Nesse sentido, para o autor, a fotografia exerce um papel importante quando se trata de divulgação turística, pois as imagens estão relacionadas ao universo das mentalidades. A fotografia é resultado de um processo de criação, ela é elaborada, construída técnica, cultural, estética e ideologicamente. Kossoy (2007, p. 55) ainda ressalta que:

Devemos conviver com esta eterna ambiguidade da fotografia; um documento etnográfico ou arquitetônico pode ser compreendido como um meio de conhecimento, uma fonte histórica, mas também pode, ao mesmo tempo, ser utilizado como ferramenta de propaganda, geradora ou confirmadora de preconceitos, sempre dependendo dos textos (legendas, títulos, contextos) que acompanham tais imagens, de sua diagramação, dos veículos em que são inseridas e dos receptores que as apreciam.

Já para Lenzi (2016, p. 29), as imagens são consideradas parte da construção discursiva, visto que não se mostra qualquer imagem, mas somente aquelas selecionadas para compor uma trama discursiva. Ainda para essa mesma autora, “a imagem é também um meio de ação política, pois tem um ator que a produz, a partir de seus interesses, e um destinatário, também marcado pelos seus potenciais interesses”.

Na página Vivendo Floripa, observamos que a divulgação se mostra um pouco mais elaborada e detalhada (figura 25). A página traz um breve histórico sobre o sítio arqueológico localizado em uma das ilhas da praia da Tapera, a Ilha das Laranjeiras, o que torna a procura pela praia mais atrativa. Deparamo-nos com as seguintes questões: Este sítio é preservado? É de fácil acesso?

Presenciamos em campo, no local do referido sítio, a falta de sinalização que aponte que o lugar é um importante sítio arqueológico pesquisado por estudiosos do país e do mundo. O sítio arqueológico está atualmente demarcado por uma cerca de arame e passou a ser depósito de lixo, conforme figura 24.

Figura 24 – Remanescente do sítio arqueológico da Tapera



Fonte – A autora, 2019.

Ainda na página Vivendo Floripa, o nome do bairro foi veiculado de forma equivocada, pois, conforme Pereira (1991), Tapera do Sul é uma localidade entre Caiacanga Açu e Caieira da Barra do Sul, ambas as praias situam-se no bairro vizinho, Ribeirão da Ilha.

Figura 25 - Tapera do Sul

Home / Sol e Praia / Praias do Sul / Tapera do Sul

Tapera do Sul

Prais do Sul

- > Açores
- > Armação
- > Caldeirão
- > Campeche
- > Lagoinha do Leste
- > Mtsateiro
- > Morro das Pedras (caldeirão)
- > Naufragados
- > Saquinho
- > Solidão
- > Pontão do sul
- > Tapera do Sul

Como chegar?

Sul da Ilha, a 27 km do Centro de Florianópolis. Acesso pela Via Expressa Sul. Existem duas formas de chegar à praia: por dentro da Base Aérea, com acesso restrito e limitado (é preciso fazer a requisição com antecedência de um ano); ou pela SC-405, seguindo depois pela Rod. Aparício Ramos Cordeiro.

[Veja no Mapa](#)

Apesar de sua pequena extensão (500 metros), a Praia da Tapera é procurada por turistas em busca de tranquilidade. O que era somente uma antiga colônia de pescadores, até meados dos anos 1960, hoje atrai visitas regulares.

O nome da praia surgiu das antigas residências indígenas, também denominadas "taperas". Popularmente, o termo se refere a casa abandonada, o que se leva a crer que o bairro ficou desabitado durante muitos anos após o desaparecimento dos carijós. Com a instalação da Base Aérea naquele local, o bairro foi dotado de infraestrutura, o que atraiu os primeiros habitantes e visitantes.

Em frente à praia localizam-se duas ilhas: Laranjeiras e Dona Francisca, esta última acessível a pé em dias de maré baixa. Além de embelezar a paisagem, a presença dessas ilhas contribui para a calma do mar.

A areia tem espessura média e é de tom amarelado. O fundo do mar é um pouco lodoso, com resquícios de conchas e cascalhos.

Vale a pena conferir a retirada de berbigão (molusco tradicional de Floripa), no canto esquerdo da praia, junto à ilha Dona Francisca.

Curiosidade

Antiga morada dos índios carijós, foi descoberto nesse local um sítio arqueológico, explorado por volta de 1962 a 1967. Atualmente, os restos encontrados estão expostos no Museu do Homem do Sambaqui, no Centro de Florianópolis.

Galeria de Imagens

Fonte: Disponível em: <http://www.vivendofloripa.com.br>
Acesso em 12 nov. 2017.

Na página do Guia Floripa – guia turístico bem completo da cidade – percebe-se que fotografia e enunciado têm como interesse a divulgação da praia da Tapera (figura 26). O principal objetivo é atrair o turista, bem como aqueles que procuram uma praia para lazer. Em contrapartida, a praia da Tapera fica ausente no mapa que indica os melhores acessos às praias do sul da Ilha (figura 27). Ou seja, apesar de divulgada, não é localizada.

Figura 26 - Guia Floripa - Praia da Tapera

Guia Floripa >> Praias >> Tapera



→ Praia da Tapera Foto: Mario Costa Jr

Tapera


quarto
quarto


quarto
comer


quarto
solarium


lazer


serviços


utilidades


balsa-
bilidade


como
chegar


galeria de
imagens

Centro e Rodoviária: 15 Km | Aeroporto: 3 km
Praias próximas: [Praia do Campeche](#), [Ribeirão da Ilha](#)

[Gostou?](#) [Compartilhe!](#)

Procurada por famílias em busca de tranquilidade, a Praia da Tapera é a atração aos moradores do bairro. Tem pequena extensão, aproximadamente 520 metros, com uma faixa de areia estreita, grossa e em tom amarelado. As águas são calmas e mornas, bem transparentes em dias de vento sul, apesar do fundo do mar ser lodoso e repleto de pequenas conchas.

Para os que desejam se aventurar, bem próximo ao litoral há duas ilhas: Dona Francisca, também conhecida como Ilha das Flechas, e a Ilha das Laranjeiras. No momento em que a maré está baixa, é possível caminhar por uma estreita faixa do leito do mar até a Ilha Dona Francisca. Já para se chegar até a Ilha das Laranjeiras, somente é possível contratando um transporte por barco, que pode ser solicitado para os pescadores na praia.

História

Os primeiros habitantes da região da Tapera foram os índios Carijós. A origem do nome Tapera vem de um termo utilizado pelos antigos moradores para se referir às casas da região, que lembravam as moradias indígenas ou para designar que um local estava abandonado. Isso sugere que a região pode ter ficado abandonada por algum tempo.

Com a fundação da Freguesia de Nossa Senhora da Lapa do Ribeirão Grande, pequenos grupos foram se fixando na região e transformando a localidade em uma vila de pescadores. Entretanto, foi somente após a criação do Centro de Aviação Naval, em 1923, que a Tapera realmente passou a se desenvolver.

Mais tarde, com a elevação do antigo campo de pouso à categoria de aeroporto e o crescimento da Base Aérea de Florianópolis, famílias de militares e civis foram se fixando na região, dando maior proporção ao bairro.

Fonte: Disponível em: <http://www.guiafloripa.com.br>.
Acesso em 12 nov. 2017

Figura 27 – Mapa de como chegar às praias do sul da Ilha



Fonte: Disponível em :<http://www.guiafloripa.com.br/turismo/informacoes-gerais-sobre-turismo/como-chegar-as-praias>.

Acesso em 23 jul. 2019.

Nesse contexto, a praia da Tapera é vista como um apêndice da cidade que a insere com a função de legitimar a Florianópolis de muitas praias, quando propício, reforçando a afirmação de que as imagens veiculadas fazem parte da fabricação de uma paisagem hegemônica valorizada pelo mercado em nome do turismo (LENZI, 2016).

Para desvincular a Tapera dessa imagem única e negativa de um bairro periférico e perigoso, que não faz parte dos cartões postais da “Ilha da Magia”, é preciso entender que a dinâmica do bairro não corresponde apenas à imagem veiculada nas mídias. É necessário ver a Tapera com um novo olhar. Um olhar real, sensível e apropriado às suas relações históricas e sociais com a cidade.

5 OUTRAS NARRATIVAS SOBRE A TAPERA

Nessa seção, na qual temos o intuito de apresentar outras possibilidades de olhar e de falar sobre a Tapera, abordaremos a presença de sítios arqueológicos, novas infraestruturas, novos empreendimentos e serviços visando a qualidade de vida dos moradores.

Muito antes do povoado atual que o compõe, o bairro da Tapera foi um importante local de moradia dos povos primitivos, os sambaquieiros ou homens do sambaqui, ou ainda os povos Itararés e Guaranis, que usufruíram da diversidade de alimento e água disponível, em diversos momentos, como relata Pereira (2018):¹⁷

A Tapera tem um dos maiores sítios arqueológicos aqui do litoral de Santa Catarina. E esse sambaqui que fica próximo à praia, bem próximo à ilha, que eles chamam a Ilha das Laranjeiras, outros falam que é Ilha das Flechas. Tem então a praia da Tapera que tem esse sítio arqueológico explorado pelo Padre Alfredo Rohr que era também um arqueólogo. E na década de [19]60 e 70, o Padre Alfredo Rohr trabalhava no Colégio Catarinense, ele pertencia à ordem de Inácio de Loyola dos Padres Jesuítas e, sempre muito estudioso, começou a se interessar pela arqueologia aqui do litoral catarinense.

O sítio arqueológico mencionado foi escavado e estudado entre os anos de 1958 e 1966 pelo Padre João Alfredo Rohr. Os vestígios deste sítio estão sob a guarda do Museu do Homem do Sambaqui, localizado no Colégio Catarinense, em Florianópolis.

Visitamos o Museu para obter melhor informação a respeito do sítio em questão. Tivemos a oportunidade de entrevistar a museóloga¹⁸ responsável, que nos recebeu manifestando entusiasmo por saber que mencionaríamos a existência e importância desse sítio na praia da Tapera:

Esse sítio arqueológico da praia da Tapera foi um dos principais sítios escavados pelo Padre Rohr. Foi o sítio que ele mais encontrou esqueletos humanos, dos povos antigos do passado. Esses povos viveram por volta do ano mil da nossa era, nessa aldeia antiga, que os arqueólogos chamaram de uma aldeia, que teria sido ocupada durante muitos anos, não só por um tipo de povo, digamos assim, não só pelo povo Itararé, mas também pelo povo Guaraní. Foram encontrados objetos arqueológicos referentes a esses diferentes povos na praia da Tapera. E quanto aos esqueletos, o Padre Rohr, escavou 172. Então, ele encontrou pelo menos 172 pessoas lá enterradas, foi um dos sítios em que ele mais achou esqueletos e ele ficou a década de 1960 praticamente inteira trabalhando

¹⁷ Rodrigo Nelson Pereira, técnico administrativo do CRAS da Tapera e professor de História, em entrevista concedida à autora em 02 abr. 2018.

¹⁸ Roberta Porto Marques, analista de museologia do Museu do Homem do Sambaqui, em entrevista concedida à autora em 21 mai. 2018.

nessas escavações. Claro, com muitos intervalos, e ele envolvia muito a comunidade da região nas escavações dele. Tanto que a gente vê fotos de pessoas que provavelmente são moradores que trabalhavam junto, ficavam participando de alguma maneira dessas escavações, pelo menos olhando, dando um apoio, o Padre se preocupava muito com os moradores do lugar onde ele escavava. Ele tinha o interesse que aquela pessoa cuidasse do passado. Por isso que ele fez o Museu, por isso que ele transformou esse espaço num museu pra mostrar a história dessas pessoas. E vocês conseguem ver os esqueletos na posição original que ele encontrou. Eles foram escavados pelo Padre até certo ponto e depois ele colocou embaixo e por volta cimento pra que eles ficassem exatamente fixos e a posição não fosse perdida. Então não teve remontagem de ossos, não, pelo contrário, ele trouxe exatamente o corpo da pessoa como os parentes dessa pessoa enterraram. Por isso que a gente vê gente na posição fetal, pessoas com a barriga pra baixo, outros com a barriga pra cima. Essa pessoa que é muito interessante, também, foi encontrada com uma ponta de flecha na coluna. Essa pessoa foi flechada e a ponta da flecha ficou cravada na vértebra. Então tudo isso faz parte da história do bairro da Tapera. Antes de ser Tapera, já tinha há mil anos ou mais, pessoas habitando naquele lugar, naquele espaço e aqui no Museu a gente tá tendo oportunidade de conhecê-los através de seus objetos, dos seus esqueletos. O Padre teve muita habilidade, muita sorte de encontrar essas relíquias, esse tesouro. (MARQUES, 2018).

Esse relato nos leva a pensar o quão importante o lugar é para pesquisas arqueológicas, enriquecendo a história e levantando hipóteses sobre o modo de vida dos povos originais do litoral catarinense. Nota-se que há importância em preservar a história, bem como o local em que se encontra o remanescente do Sítio Arqueológico.

As figuras 28 e 29 expõem o lugar, em momentos distintos, onde foram encontrados os vestígios do sítio arqueológico.

Figura 28 - Moradores da Tapera no momento da escavação do sítio



Fonte: Acervo da Casa da Memória de Florianópolis.

Figura 29 - Escavação do sítio arqueológico da Tapera



Fonte: Acervo da Casa da Memória de Florianópolis.

A figura 28 retrata a curiosidade dos moradores – em sua maioria crianças – em acompanhar as escavações para retirada das ossadas. Alguns moradores relataram esse “evento”:

Ahhh é isso aí a gente não sabe muita coisa. Porque aqui, lá na praia, era sambaqui. Eles acharam muitos ossos de pessoas, até canelas mesmo. Do osso da canela. A universidade veio e tiraram. Tiraram bastante ossos. [E a senhora viu? Participou?] Não. Assim, a gente foi lá vê o buraco, tudo...eu não me lembro muito, mas acho que a gente viu até os ossos (Dona Val, 2019).

[...] o padre lá tirou muito osso lá na praia, isso aqui era uma terra indígena. Eu vi tá tirando lá, óia tiraram tudo devagarinho com pincel assim né por causa dos ossos...cada nego com canela desse tamanho assim... (risos) (Seu Gabi, 2019).

[...] tava eu e muitas amigas e tinha um amigo que esse eu conheço. Este amigo, este amigo é vivo hoje, mora lá na esquina, aquela última esquina ali do ponto de ônibus, ele mora ali na esquina. O nome dele é Darci...deve tá por aí. Nós chegemo na praia, vamo vê, vamo vê, que que esse padre tá fazendo! Era um padre, tava cavando...”O que que o senhor tá fazendo?” Aí ele assim: “To procurando esqueletos de índio!” Aí ele disse: “ó aqui tem um ossinho ó!” E fazia assim com o pincel [demonstrando]...aí esse meu amigo, é amigo e primo, disse assim pra ele: “oh padre, hoje é uma sexta-feira santa, se come carne?” – assim pro padre – o padre só olhou pra ele e disse: “faz o que eu mando, mas não faz o que eu faço”. Aí olhei pra ele, pro Darci, começemo a ri saímos tudo de farra brincar na praia, nós era tudo jovem. A história do índio taí (risos) ...taí, a cavação [...] Vi, vi, com esses olhos que a terra há de comer um dia (risos). (Dona Vilma, 2019).

Esse espaço segregado nos discursos da mídia da cidade traz em sua história múltiplas identidades que, ao longo do tempo, vêm construindo sua própria identidade como lugar. Nesse sentido, concordamos com Massey (2008, p.190) quando ela afirma que:

Se o espaço é, sem dúvida, uma simultaneidade de estórias-até-então, lugares são, portanto, coleções dessas estórias, articulações dentro das mais amplas geometrias do poder do espaço. Seu caráter será um produto dessas interseções, dentro desse cenário mais amplo, e aquilo que delas é feito. Mas também dos não-encontros, das desconexões, das relações não estabelecidas, das exclusões. Tudo isso contribui para a especificidade do lugar.

No que diz respeito às mudanças que vêm ocorrendo no bairro, é somente a partir de 2000 que as principais ruas são pavimentadas, vide Rua da Barreira, oficialmente Rua das Areias (figura 30). Isso melhora significativamente a vida dos moradores, pois, até o

final da década de 1990, grande parte das principais vias e servidões¹⁹ encontrava-se em pleno abandono, tornando o uso das mesmas pelos pedestres um caos, sobretudo em dias de chuva, com o acúmulo de lama ao longo das ruas.

Figura 30 - Rua das Areias - Barreira - Tapera



Fonte: A autora, 2019.

Isso pode ser visto a seguir, comparando as imagens antigas e atuais da mesma rua: do Juca, oficialmente Rua José Correia (figuras 31 e 32).

Dona Isabel (2019) recorda o tempo em que não havia calçamento na rua citada:

O ônibus nós tinha que pegar lá em cima. Lá na estrada geral. Às vezes tinha lama. Sacola no pé...quando chovia tinha que correr pra não se molhar. Era barreira. Hoje não, hoje tá tudo muito bom. Hoje tá bom aqui.

¹⁹ Definição de servidão: Os terrenos, que já tinham dimensões bastante reduzidas para a agricultura, são desmembrados em pequenos lotes, muitas vezes com acessos exclusivos, chamados de “servidão”, estrutura fundiária típica da Ilha de Santa Catarina. Fonte: As Freguesias Luso-Brasileiras na Região da Grande Florianópolis. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/>. Acesso em 10 dez. 2019.

Figura 31 - Rua José Correia (Juca) – 2000



Fonte: Leslie Araújo da Silva

Figura 32 – Rua José Correia (Juca) – 2019



Fonte: A autora, 2019.

Algumas das servidões que interligam as principais ruas do bairro, atualmente, dispõem de calçamento. Porém, o bairro conta com uma população considerável e ainda crescente, e que a infraestrutura não acompanha seu crescimento. Contudo, percebe-se a ocorrência de mudanças graduais significativas no bairro, que beneficiarão toda a comunidade, tais como as construções da nova escola e da nova creche. A nova escola é chamada de “Escola do Futuro” (Figura 33), de ensino quadrilíngue, com ensino de português, inglês, libras e linguagem tecnológica²⁰.

Figura 33 - Projeto da "Escola do Futuro" na Tapera



Fonte: Disponível em: <http://www.pmf.sc.gov.br/noticias>.

Acesso em 02 out. 2019.

Atualmente, o bairro conta com um pequeno parque para as crianças, equipamento de ginástica e horta comunitária que estão anexos às dependências do Centro de Saúde. O conselho comunitário também vem atuando para o melhoramento do bairro disponibilizando aos seus moradores atividades esportivas e de música, grupos de terceira idade e ensino de jovens e adultos (EJA), conforme seu presidente:

Segunda e sexta tem o projeto de jiu-jitsu, é gratuito pra comunidade; terça e quinta tá voltando, já teve o ano passado agora tá voltando o projeto de balé e agora nós conseguimos o de cavaquinho, terça e quinta

²⁰ A criação dessa escola se deu por meio do Decreto Nº 20.575, de 13 de agosto de 2019. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/sc/f/florianopolis/decreto/2019/2058/20575/decreto-n-20575-2019-cria-a-escola-basica-municipal-tapera-escola-do-futuro>. Acesso em 02 out. 2019.

de manhã e a tarde. Dois dias na semana balé pra criança e cavaquinho idade livre. Quarta-feira nós criamos o grupo de idosos da Tapera. (May, 2018).

Em andamento existe um projeto chamado "Praça Linear da Orla da Tapera" construído coletivamente pela população local, empresários e representantes da Associação de Pescadores Artesanais da Tapera - APAT. Esse projeto se deu a partir do Orçamento Legislativo Participativo – OLP, da Câmara dos Vereadores de Florianópolis²¹ que destina parte da verba para a revitalização da orla da praia da Tapera, que contemplará a instalação de módulos para colocação de banheiro químico no verão, instalação de lixeiras, mobiliário para convívio coletivo, academia, paisagismo, realocação de iluminação pública e acessibilidade, trazendo melhores condições e infraestrutura para o bairro. Dona Leta (2018), manifesta sua vontade em voltar a caminhar pela praia:

Só que tava faltando era vir alguém pra arrumar nossa praia, era o que eu queria. Que antes de morrer eu alcançasse ainda com meus olhos a praia aqui da Tapera, limpinha. Que a gente pudesse caminhar em cima [na rua], porque não dá para o idoso passar. Porque se quebra tudo, não sei se tu passasse aqui pela praia? Já faz tempo que eu só vou até ali o ranchinho, vou e volto. Porque não dá pra gente nem caminhar. Então queria que tivesse melhoramento né, aqui pra gente.

A Tapera dispõe de mais de 500 metros de praia, como trazem os guias turísticos, pois para além desses 500 metros, existem outros pontos que compõem a paisagem da mesma praia que são desconhecidos, conforme as figuras 34, 35, 36 e 37.



Figura 34 - Praia da Tapera (Garcia)
Fonte: A autora, 2019.

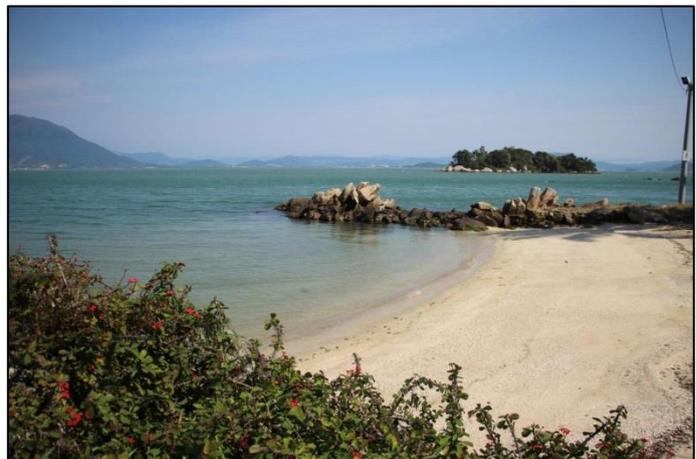


Figura 35 - Praia da Tapera - Ilha das Laranjeiras
Fonte: A autora, 2019.

²¹ Projetos aprovados pela comunidade na OLP. Disponível em: <http://afranio.org.br/2018/11/9-projetos-aprovados-olp/>. Acesso em 10 dez. 2019.



Figura 36 - Praia da Tapera - Ilha das laranjeiras
Fonte: A autora, 2019.



Figura 37 - Praia da Tapera - Ilha da Dona Francisca
Fonte: A autora, 2019.

Mesmo com todas as deficiências a serem vencidas, o bairro possui paisagem singular que precisa ser reconhecida e preservada. Esse reconhecimento vem sendo alcançado gradativamente, pois observamos mudanças positivas ocorrendo no bairro que proporcionarão à sua população melhorias almejadas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por ser moradora da Tapera, realizar essa pesquisa foi muito significativo, visto que pude entender como se deu a invenção do bairro como lugar marginal, pois percorrendo o mesmo, percebi que textos e imagens veiculadas fabricavam uma Tapera diferente daquela que estava diante dos meus olhos. Foram tantas as informações que obtive acerca do bairro que não pude contemplar todas neste trabalho, visto a riqueza das narrativas antes não conhecidas por mim. Em meio a essa trajetória, compreendi que a Tapera possui uma dinâmica diferente daquela instituída e legitimada pela mídia e pessoas. Sua paisagem não é apenas aquela fotografia que sempre aparece em representações turísticas (vide figuras 25 e 26), há uma paisagem para além dessa. A criminalidade, no momento em que eu realizava os campos para esta pesquisa, se tornou uma questão pontual, um problema social que acontece em qualquer outro bairro da Ilha de Santa Catarina.

Ressalto a importância de registrar a fala de moradores idosos, pessoas que têm um conhecimento sobre o bairro que não só não é explorado como, muitas vezes, desqualificado. Por isso, reafirmo os motivos pelos quais mantive a fala literal das pessoas, porque na linguagem está a expressão delas e é uma linguagem típica e características dos nativos da cidade.

Com esta pesquisa, compreendi que não apenas a mídia, como grande parte dos poucos trabalhos publicados, apontam a Tapera como um bairro periférico, marginalizado e desfavorecido de cultura e história. Quando me ative aos mapas e guias turísticos da Ilha de Santa Catarina, me deparei também com a ausência do bairro nas representações das mais de cem praias da cidade, o que contribui ainda mais com sua marginalização, legitimada pelos jornais e imaginário local. Por outro lado, através das narrativas de seus moradores, que contam uma história não conhecida sobre o bairro, foi possível problematizar essas “verdades” instituídas sobre a Tapera. As narrativas contam sua construção, sua cultura, sua beleza... Aspectos não reconhecidos pela própria cidade, mas apresentados por meio desta investigação.

Este estudo possibilitou também identificar a construção do espaço que compõe a Tapera. Espaço que está sempre em construção, nunca fechado, constituído pelas relações sociais e constantemente em processo de fazer-se. Portanto, não pode ser reduzido e homogeneizado a poucas imagens e textos.

Por fim, entendo que as pesquisas acadêmicas também compõem as narrativas sobre os lugares, legitimando o que já está dado ou questionando e apresentando outras perspectivas. A produção científica tem o papel de problematizar as “verdades” instituídas e naturalizadas e mostrar que o conhecimento é sempre parcial e localizado, portanto, não é absoluto. Nesse sentido, essa pesquisa pretendeu contribuir com a construção de outras Taperas, apresentando pontos de vistas, histórias e geografias que não pretendem se sobrepor às narrativas já existentes, mas sim visibilizar a diferença.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, VERENA. **Ouvir Contar: textos e história oral. Rio de Janeiro.** Editora FGV, 2004, 196p.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. **A invenção do Nordeste e outras artes.** São Paulo: Cortez, 2011.

CAMPOS, Nazareno José de. **Terras comunais e pequena produção açoriana na Ilha de Santa Catarina.** 1989. 235 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Santa Catarina, 1989.

CESA, Marcia de Vicente. **As condições hídricas e sócio-ambientais e os reflexos na saúde da população do Ribeirão da Ilha– Florianópolis/SC.** 2008. 143 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

COSGROVE, D. E. **A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas.** In: CORRÊA, R. L., ROSENDAHL, Z. (Orgs). Paisagem, tempo e cultura. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004. p. 92-123.

DALLMANN, João Matheus Acosta. **O MAL-ESTAR QUE SINTO: Medicalização do sofrimento em camadas populares.** 2013. 94 f. Trabalho de Conclusão de Curso, Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.

JANUARIO, Claudio Roberto; MORAIS, Sebastião Rafael Barreto. **Projeto de viabilidade técnica e econômica de implantação de uma entidade sem fins lucrativos: CEIT - Centro de Ensino de Informática da Tapera.** 2002. 95 f. Trabalho de Conclusão de Estágio, Graduação em Ciências Contábeis, Universidade Federal de Santa Catarina, 2002.

KOSSOY, Boris. **Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo.** Cotia: Ateliê Editorial, 2007.

KLOCK FILHO, Luiz Paulo. **Tapera da Base: Crescimento Urbano e Movimento Sociais 1982 –2003.** 2003. 76 f. Trabalho de Conclusão de Curso, Graduação em Geografia, Universidade do Estado de Santa Catarina, 2003.

LENZI, Maria Helena. **Das imagens à ausência. Das imagens, a ausência: um estudo geográfico sobre a ilusão do tempo nas imagens de Florianópolis.** 2010. 116 p. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

_____. **A invenção de Florianópolis como cidade turística: discursos, paisagens e relações de poder.** 2016. 244 f. Tese (Doutorado), Programa de Pós-graduação em Geografia Humana, Universidade de São Paulo, 2016.

LISBOA, Armando de Melo. **Uma cidade numa ilha: relatório sobre os problemas socio-ambientais da Ilha de Santa Catarina.** Florianópolis: Insular, c1996. 247p

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço**. Uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. **Florianópolis: o direito e o avesso**. In. PIMENTA, Margareth de Castro Afeche (Org.). Florianópolis do outro lado do espelho. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2005, 163p.

NÓR, Soraya. **Paisagem e lugar como referências culturais: Ribeirão da Ilha - Florianópolis**. 2010. 231 f. Tese (Doutorado), Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

PEREIRA, Andréa. **A maternidade na adolescência: um estudo com famílias de camadas populares**. Florianópolis, 2000. 107 f. Trabalho de Conclusão de Curso, Graduação em Serviço Social, Universidade Federal de Santa Catarina, 2000.

PEREIRA, Nereu do Vale. **Ribeirão da Ilha Vida e Retratos**. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 1991.

PIMENTA, Margareth de Castro Afeche (Org.). **Florianópolis do outro lado do espelho**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2005, 163p.

SANTA CATARINA. Departamento Estadual de Geografia e Cartografia. **Atlas geográfico de Santa Catarina**. Florianópolis: DEGC/SC, 1958. 154 p.

FONTES DIGITAIS

Atrativos Naturais e Praias. Disponível em: <http://www.pmf.sc.gov.br/entidades/turismo/index.php?cms=atrativos+naturais+++praias&menu=6&submenuid=552>. Acesso em 13 abr. 2018.

BISPO, Fabio. Santa Catarina tem 75,7 mil pessoas que moram em favelas em Florianópolis e Blumenau lideram o ranking catarinense apresentado ontem pelo IBGE. Disponível em: <https://ndonline.com.br/florianopolis/noticias/cerca-de-4-da-populacao-da-de-florianopolis-vive-em-submoradias>. Acesso em 17 jun. 2018.

Criação do Bairro Tapera da Base, no Distrito do Ribeirão da Ilha – Lei 6919 de 26 de dezembro de 2005. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/sc/f/florianopolis/lei-ordinaria/2005/691/6919/lei-ordinaria-n-6919-2005-dispoe-sobre-a-criacao-do-bairro-tapera-da-base-no-distrito-do-ribeirao-da-ilha-2005-12-26>. Acesso em 11 jul. 2018.

GONÇALVES, Michael. Secretário de Planejamento pede a abertura da Base Aérea de Florianópolis para o trânsito. Disponível em: <https://ndonline.com.br/florianopolis/noticias/secretario-de-planejamento-pede-a-abertura-da-base-aerea-de-florianopolis-para-o-transito>. Acesso em 13 abr. 2018.

KUHNEM, Pedro. Moradores da Tapera reclamam de falta de infra-estrutura no Bairro. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UocKj66DzW8>. Acesso em 26 mar. 2018.

O novo mapa do Ribeirão da Ilha. Disponível em: http://www.clicrbs.com.br/sites/swf/plano_diretor/ribeirao.html. Acesso em 28 jun. 2018.

PANZERA, Camille. O que fazer em Florianópolis. Disponível em: <https://guia.melhoresdestinos.com.br/o-que-fazer-florianopolis-65-396-p.html>. Acesso em 23 jul. 2019.

Plano Municipal de Habitação de Interesse Social PMHIS - Contrato 669/Fmis/2008 - Produto 02 Inserção Regional e Características do Município – julho 2009. Disponível: http://portal.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/16_08_2010_15.41.22.197114da500fbc9c40c97b79dde1fd77.pdf. Acesso em 17 jun. 2018.

<https://ndonline.com.br/ricplay/cidade-alerta-sc/traficante-e-presos-no-bairro-tapera-em-florianopolis>. Acesso em 23 jun. 2018.

PLANO MUNICIPAL INTEGRADO DE SANEAMENTO BÁSICO – PMISB. Disponível em: http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/19_07_2010_17.32.06.d8b34934130a180a109f15ce1ad52eb1.pdf. Acesso em 29 jun. 2018.

Polícia Civil apreende garoto de 16 anos que vendia drogas no bairro Tapera. Disponível em: http://www.tudosobrefloripa.com.br/index.php/desc_noticias/policia_civil_apreende_garoto_de_16_anos_que_vendia_drogas_no_bairro_tapera. Acesso em 22 jul. 2019.

Disponível em: <https://ndmais.com.br/noticias/policia-prende-tres-e-cumpre-21-mandados-de-busca-e-apreensao-na-tapera-em-florianopolis/>. Acesso em 22 jul. 2019.

Disponível em: <http://www.guiafloripa.com.br/institucional/anuncie-no-guia-floripa/mapa-impresso>. Acesso em 23 jul. 2019.

Mapa de Florianópolis. Disponível em: <https://www.encontraflorianopolis.com.br/sobre/mapa-de-florianopolis/>. Acesso em 23 jul. 2019.

Como chegar às praias. Disponível em: <http://www.guiafloripa.com.br/turismo/informacoes-gerais-sobre-turismo/como-chegar-as-praias>. Acesso em 23 jul. 2019

Mapa de Florianópolis. Disponível em: <http://www.novocampeche.com.br/localizacao.html>. Acesso em 23 jul. 2019.

Jornal A cidade SC – 1924 a 1935. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=882844&pesq=Tapera>. Acesso em 26 jul. 2018.

Guia de Praias – Santa Catarina. Disponível em:
<http://www.clicrbs.com.br/especial/sc/praias-sc/capa-interna,0,0,0,0,Todas-as-praias.html>.
Acesso em 29 jul. 2019.